



Universidade de Brasília – UnB

Decanato de Graduação

Instituto de Letras – IL

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas – LIP

Curso de Licenciatura em Letras – Português do Brasil como Segunda Língua

SURDEZ E AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO

AMANDA SANTOS ROCHA

Brasília/DF, Junho de 2016.

AMANDA SANTOS ROCHA

SURDEZ E AUTISMO: UM ESTUDO DE CASO

Monografia apresentada ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília - UnB, como requisito parcial para obtenção do nível de Especialista.

Orientador: Prof. Dr. Gláucio Castro Júnior

Brasília/DF, junho de 2016

RESUMO

Os alunos surdos no Brasil passaram por um longo processo histórico no âmbito educacional, porém é preciso notar que a inclusão de estudantes surdos não depende apenas de acessibilidade, mas também é preciso criar métodos e abordagens de ensino acessível a suas necessidades. O estudante Surdo autista é uma realidade dentro das escolas brasileiras, por isso, esta pesquisa visa mostrar a necessidade de um olhar diferenciado e capacitado para nossos estudantes. A pouca quantidade de pesquisa no campo da Surdez dificulta a compreensão e a formulação de materiais didáticos e informações acessíveis aos profissionais, pais e outros interessados em contribuir com a aprendizagem e o desenvolvimento da pessoa Surda. O presente estudo de caso, utiliza-se de um método qualitativo, onde os instrumentos utilizados foram entrevistas e relatos para contar a história da criança Surda autista, o contexto em que está inserido e apresentar informações sobre seu meio familiar e educacional; no intuito de quebrar paradigmas quanto às potencialidades desses estudantes e propiciar conhecimento para que haja uma cobrança para as autoridades de modo que se efetive as políticas públicas para o atendimento capacitado e assim, o desenvolvimento de nossos estudantes. Após a análise e a coleta dos dados, será apresentada uma proposta de ampliação do contexto de pesquisa para o efetivo registro de Surdos autistas no contexto escolar e suas especificidades no ensino de Libras e do Português como segunda língua.

ABSTRACT

The Brazilian deaf students has been in a long historic educational process, however it is possible to notice that the inclusion of deaf student does not rely only of accessibility but is necessary develop methods and teaching approaches accessible to their limitations. The deaf autistic students are a reality inside the Brazil's schools that is why this research seeks to demonstrate the necessity of a different and capable approach to our students. The few researches available on the deaf field make more difficult the understanding and drafting of didactic material and accessible information to the professionals, parents, and the ones who are interested in contribute to the learning and to the development of a deaf person. The following case study adopts the qualitative method, where the used tools are interviews and observations to tell the history of the deaf autistic child. Also presets information related to the family environment and educational; trying to break paradigm related to ability of these students and provide knowledge in order to charge the authorities to implement public policy to the trained attendance and the development of the deaf autistic students.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	07
--------------------------	-----------

CAPÍTULO 1. DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

1.1 Introdução	09
1.2 Breve histórico da Educação de Surdos no Brasil	09
1.3 O grupo de Surdos no Brasil	12
1.4 Surdez e Autismo no Brasil – a definição do autismo	15
1.5 Tema da monografia e objeto de estudo	16
1.6 Objetivos	16
1.7 Considerações sobre o Surdo autista no contexto escolar	17

CAPÍTULO 2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Introdução	19
2.2 O autismo e a perspectiva da Educação bilíngue	20
2.3 A importância de pensar a proposta da educação bilíngue para o Surdo autista	21
2.4 Critérios de acessibilidade didática para o Surdo autista	22

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

3.1 Introdução	23
3.2 Método e tipo de pesquisa	23
3.3 Coleta e Análise dos dados	25
3.4 Procedimentos metodológicos para o estudo de caso	49
3.5 O Surdo autista e as discussões/resultados das análises	50
3.6 Proposta de ampliação do contexto de pesquisa para o efetivo registro de Surdos autistas no contexto escolar e suas especificidades no ensino de Libras e Português por Escrito	54

CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

APRESENTAÇÃO

O curso Português do Brasil com segunda língua surgiu na minha vida de modo inesperado. Como muitas pessoas, quando passei no vestibular para este curso, não sabia do que se tratava ou o que viria pela frente. No começo tive que travar algumas batalhas acadêmicas, pois devido à falta de informação, percebi não estar preparada para lidar com determinadas disciplinas. Foi um início muito tumultuoso e por muitas vezes, pensei em abandonar o curso ou procurar outra área. Após algumas orientações eu comecei a dar aula de português para estrangeiros; por ser formada em alemão, comecei a treinar minhas técnicas e abordagens no ensino de português como segunda língua e de repente, encontrei-me maravilhada com o progresso do ensino e com o meu próprio progresso como professora de português como L2. A Libras surgiu na minha vida como um presente, pois foi através de um projeto social voluntário, onde, foi possível contribuir para a alfabetização de surdos adultos. Durante este projeto, ficou evidente a importância da formação em português como segunda língua, principalmente com relação aos métodos, técnicas e abordagens de ensino. Há pouco mais de seis meses, está pesquisa surgiu de uma motivação pessoal, devido ao meu trabalho de monitora na SEE/DF, numa classe bilíngue de 2º ano.

Minha formação em Libras ocorreu há pouco mais de um ano, entretanto, ao lidar com a realidade de uma criança autista, ficou notório a importância desta pesquisa no intuito de criar estratégias de ensino, efetivar pesquisas e buscar a implantação de políticas públicas para que o estudante Surdo autista seja efetivado dentro da Secretária de Educação e Estado do Distrito Federal. Através deste projeto e durante minha carreira como pesquisadora pretendo criar e implementar materiais didáticos que atendam este público alvo, sendo assim, primeiramente pretendo conhecer todo o contexto em que está inserido o Surdo autista, para então, através deste olhar diferenciado poder contribuir para a aprendizagem de crianças com essas necessidades.

No corpo desta pesquisa trataremos em 4 (quatro) capítulos nos quais tentaremos mostrar: a necessidade de um olhar diferenciado e capacitado para nossos estudantes Surdos autistas, a pouca quantidade de pesquisa no campo da Surdez que dificulta a compreensão e formulação de material didático para este público, quebrar paradigmas quanto às potencialidades desses estudantes e propiciar o conhecimento e informações para que haja uma

cobrança para as autoridades de modo que se efetive as políticas públicas para o atendimento e desenvolvimento de nossos estudantes.

No capítulo 1, apresentamos a delimitação da pesquisa que consiste em discutir um breve histórico da Educação de Surdos no Brasil, conhecer os diferentes grupos de Surdos no Brasil e ampliar o quadro proposto por Castro Júnior (2011) ao inserir informações dos Surdos autistas, alvo de estudo de caso dessa pesquisa, conhecer informações sobre a Surdez e o Autismo no Brasil para efetivamente compreendermos a definição do autismo. Apresentamos o tema e o objeto de estudo, seguimos com a exposição dos objetivos da pesquisa e refletimos inicialmente as considerações sobre o surdo autista no contexto escolar, para que seja possível no final da proposta pensar os caminhos do ensino de Libras e da Língua Portuguesa escrita para o Surdo autista.

No capítulo 2, faremos uma Revisão da Literatura passando pelo autismo e a perspectiva da educação bilíngue, sobre a importância de pensar a proposta da educação bilíngue para o surdo autista, bem como na discussão dos critérios de acessibilidade didática para o Surdo autista que devem ser valorizados e utilizados no processo de ensino aprendizagem.

No capítulo 3, teremos a metodologia e o tipo de pesquisa, uma breve mostra da coleta e análise dos dados, explicaremos os procedimentos metodológicos para o estudo de caso e iremos discutir sobre o Surdo autista a partir das discussões das análises dos dados da pesquisa e das observações, onde levantaremos algumas questões que são cruciais para o estudo de caso e iremos elaborar uma proposta de ampliação do contexto de pesquisa para o efetivo registro de Surdos autistas no contexto escolar e suas especificidades no ensino de Libras e do Português por Escrito.

CAPITULO 1 - DELIMITAÇÃO DA PESQUISA

1.1 INTRODUÇÃO

Neste capítulo, apresentamos a delimitação da pesquisa que consiste em discutir um breve histórico da Educação de Surdos no Brasil, conhecer os diferentes grupos de Surdos no Brasil e ampliar o quadro proposto por Castro Júnior (2011) ao inserir informações dos Surdos autistas, alvo de estudo de caso dessa pesquisa, conhecer informações sobre a Surdez e o Autismo no Brasil para efetivamente compreendermos a definição do autismo. Apresentamos o tema da monografia e o objeto de estudo, seguimos com a exposição dos objetivos da pesquisa e refletimos inicialmente as considerações sobre o surdo autista no contexto escolar, para que seja possível no final da proposta pensar os caminhos do ensino de Libras e da Língua Portuguesa escrita para o Surdo autista.

1.2 Breve histórico da Educação de Surdos no Brasil

A história da educação dos surdos sempre passou por muita polêmica e por mudanças significativas no decorrer do tempo, principalmente com relação aos tipos de enfoque educacional e em virtude da utilização ou não da Língua de Sinais na educação destas pessoas. Segundo Guarinello (2007), na Antigüidade as pessoas surdas eram consideradas castigos dos deuses. Nesta época as pessoas que não falavam, segundo Aristóteles, eram incapazes de ter consciência e não poderiam se comunicar. Para esse pensador, sem a comunicação, não havia a essência do ser. O mais antigo registro que menciona sobre “Língua de Sinais” é de 368 a.c, escrito pelo filósofo grego Sócrates, quando indagou ao seu discípulo:

“Suponha que nós, os seres humanos, quando não falamos e queríamos indicar objeto, uns para os outros, nós o fazíamos como fazem os surdos mudos, sinais com as mãos, cabeça e demais membros do corpo”.

Segundo Kelman (2005), o primeiro registro sobre a possibilidade de instruir os surdos por meio da língua de sinais apresentando o mesmo como uma pessoa capaz, foi feito por Bartolo dela Marca d’Ancona, século XIV. No século XVI, um médico italiano teve um filho surdo e propôs que os surdos fossem ensinados.

Em 1620, com a publicação de uma obra escrita pelo espanhol Juan Pablo Bonet é apresentado um alfabeto digital e em sua metodologia, trabalhava primeiro a leitura, em seguida a escrita e o alfabeto digital, por fim iniciava a fala. Nesta obra Bonet defende a possibilidade de aprendizado do surdo e é considerado um dos precursores do oralismo.

No século XVIII, o interesse pela educação de surdos aumenta. Corrêa (2007) afirma que por volta de 1704, Wilhelm Keger, alemão, utilizava de todos os recursos possíveis para que seus alunos aprendessem, recursos como a escrita, a fala e os gestos em sala de aula. Keger defende a educação dos surdos como sendo obrigatória. Em contrapartida, Jacob Rodrigues Pereira, espanhol, priorizava a fala e proibia o uso de gestos. Na França, em 1750, o abade Charles Michel de L'Épée, inicia a educação de duas irmãs surdas ensinando-as a falar e a escrever. Devido ao seu contínuo contato com alguns surdos, L'Épée, tem como objetivo ensinar mais pessoas surdas que vivam nas ruas e em decorrência disto, aprende a língua de sinais e cria os Sinais Metódicos, uma combinação da gramática da língua oral francesa com a língua de sinais e o alfabeto digital. Através dos esforços e do grande sucesso de seu método, L'Épée consegue fundar a primeira Escola para Surdos-Mudos de Paris, onde conduziu muitos alunos surdos a terem acesso à cidadania, pela primeira vez, na história da cultura ocidental. Com base na educação da fala, na Alemanha, Samuel Heinicke, propõe uma filosofia que futuramente fica conhecida como filosofia oral.

Em meados do século XVIII surge uma controvérsia entre Heinicke e L'Épée. L'Épée afirma para Heinicke que “Nenhum outro método pode ser comparado ao que eu inventei e pratico, porque se baseia totalmente na articulação da linguagem oral” (SKLIAR, 1997, p.30 apud TUXI, 2009, p.6). L'Épée como defensor da língua de sinais, discorda e ambos passam a defender a educação a partir de visões diferentes: Heinicke no oralismo e L'Épée baseado na língua de sinais.

A partir do século XVIII a educação de surdos evolui de forma considerável. De acordo com Lacerda (1990), no início deste século o rompimento entre os oralistas e os gestualistas os leva a caminhos definitivamente diferentes. Houve um aumento de surdos nas escolas e os professores passaram a trabalhar com a língua de sinais. Todavia, a visão médica começa a tomar força a partir de uma publicação do francês Jean Marc Gaspard Itard com o trabalho *Traité des maladies de L'audition*, onde afirma que somente pela fala e restauração da audição o surdo poderá ser educado.

Até meados do século XVIII, nos Estados Unidos não havia escolas para surdos. Foi Thomas Hopkins Gallaudet o primeiro a iniciar um trabalho de tutor com uma menina surda e a posteriormente fundar a primeira escola pública para surdos naquele país, chamada Connecticut Asylum for the Education and Instruction of Deaf and Dumb Persons, em parceria com um surdo conhecido como Laurent Clerc. Em 1984, o Instituto National Deaf-Mute College, passa a ser chamado de Gallaudet College em homenagem a Thomas Gallaudet.

Em conjunto com os avanços tecnológicos e as investigações clínicas, vários estudiosos começam a questionar a língua de sinais. O mais importante defensor do oralismo foi Graham Bell; por ser uma pessoa influente e poderosa no meio social, Bell aproveita para defender o oralismo no Congresso de Milão, de 1880, evento que define o oralismo como a melhor metodologia de ensino para os surdos e proíbe o uso da língua de sinais dentro das salas de aulas. Após esse congresso o oralismo toma conta de toda a Europa e permanece até o fim dos anos 70, quando um grupo de pessoas insatisfeitas com os resultados desta metodologia, decidem propor a adoção da língua de sinais. Essa filosofia começa a ser chamada de comunicação total, que significa o uso da língua de sinais, gestos naturais, do alfabeto digital, da expressão facial, da fala e dos aparelhos de amplificação sonora para transmitir a linguagem. A filosofia da comunicação total também ficou conhecida como bimodalismo, pois eram usadas duas línguas numa única forma. Esse tipo de comunicação não teve muitos efeitos e em pouco tempo alguns estudiosos começaram a questionar qual língua estava sendo realmente ensinada. Por volta dos anos 80 os surdos começam a reivindicar um idioma próprio, a língua de sinais. De acordo com Tuxi (2009) eles passam a usar a língua de sinais como primeira língua (L1) e a língua majoritária como segunda língua (L2). A essa filosofia de educação dá-se o nome de bilinguismo (GUARINELLO, 2007).

Em 1855, foi fundada a primeira escola para Surdos no Brasil, a Imperial Instituto de Surdos-mudos (atual INES – Instituto de Educação dos Surdos). No Brasil a educação de surdos passa pelos mesmos fenômenos dos outros países. (SOARES, 2005). Em 1957, a diretora do INES, Ana Rimola de Faria Doria, proibiu oficialmente o uso da língua de sinais em sala de aula. Em meados da década de 70 passa a ser usada a comunicação total. Na década de 80, começam os estudos sobre a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), com base nas pesquisas de Lucinda Ferreira Brito, chegando ao bilinguismo. Após a criação do INES, vários enfoques educacionais foram utilizados para ensinar os Surdos, até chegar aos dias atuais que defende uma educação bilíngue para os Surdos no Brasil.

Em 2002 houve o reconhecimento da língua de sinais pela Lei 10.436 / 2002 e a regulamentação desta pelo decreto 5626/ 2005 e através desse reconhecimento, o sujeito surdo passou a ter acesso a língua de sinais como a sua primeira língua (L1) e depois o português como segunda língua (L2), a língua de sinais passa a ser considerada a língua oficial da comunidade surda e através dessa conquista o sujeito surdo passa a ser considerado um pessoa que possui uma cultura, uma língua, uma forma de pensar, de agir e não apenas como aquela pessoa que não é capaz de escutar, afinal a surdez não impossibilita o sujeito de realizar diversas atividades (GOLDFELD, 2002).

Contudo, a filosofia bilíngue ainda é um processo novo e poucos professores sabem como utilizar esta proposta. Segundo TUXI (2009), além da pouca informação sobre a filosofia educacional bilíngue, na maioria das vezes os alunos são incluídos sem um preparo prévio ou estudos mais aprofundados por parte da equipe pedagógica que passa a fazer parte desta inclusão.

1.3 O grupo de Surdos no Brasil

Castro Júnior (2011, p. 25), organizou um mapeamento dos diversos grupos de Surdos no Brasil, como vemos na tabela logo abaixo. O quadro elaborado por Castro mostra como é a língua e as diferentes manifestações de cada grupo de Surdo, também registra como é o uso da língua ou seja a “fala” dos Surdos em cada grupo.

Quadro 1: Grupos de Surdos no Brasil

GRUPO DE SURDOS	LÍNGUA	IDENTIDADE	MANIFESTAÇÕES PRINCIPAIS
Surdos-Libras	LSB	Cultura Surda	Manifestam-se através dos artefatos culturais que possibilitam interações e a comunicação através da LSB.
Surdos Oralizados	Língua Portuguesa	Não dependem da LSB para sua comunicação.	Manifestam-se na cultura majoritária, através da comunicação na Língua Portuguesa.
Surdos implantados	Língua Portuguesa	Dependem da língua oral para sua comunicação.	Transitam muito bem através das manifestações na língua oral.
Surdos bilíngues	LSB / Língua Portuguesa	Cultura Surda	Transita muito bem e sabem articular as duas línguas muito bem.
Surdo índio	Língua de sinais indígena, geralmente usa-se a LSB para possibilitar o desenvolvimento da Língua de sinais indígena.	Cultura Surda - indígena	A cultura indígena é mais presente na comunicação, mas o Surdo-indígena apresenta particularidades, onde as manifestações visuais, que advêm de um Surdo que se comunica através da Libras possibilita as interações visuais, para o registro da língua de sinais indígena, como as orações indígenas em

			Língua de sinais de uma determinada tribo.
Surdo Pós-lingual	Língua Portuguesa	Cultura ouvinte	Pessoas que ouviram durante um bom tempo e depois tiveram perda da audição, não dependendo da LIBRAS para se comunicar, mas podem vir a aprender esta língua.

Fonte: CASTRO JÚNIOR, Gláucio de. A educação de Surdos no Distrito Federal: perspectiva da política da inclusão. Monografia apresentada no ano de 2011 para obtenção do título de Especialista em Desenvolvimento Humano, Educação e Inclusão Escolar pela Universidade de Brasília – UnB. 2011.

Através deste quadro é possível observar que os pesquisadores e professores que atuam na área da surdez precisam estudar a cultura dos surdos e os estudos linguísticos da Língua de Sinais para se aproximar de seus alunos, buscando conhecer o máximo possível sobre eles. Portanto, é possível observar que os Surdos-Libras têm a sua comunicação por meio da Língua de Sinais, enquanto que os Surdos Oralizados têm a sua comunicação pautada na Língua Portuguesa, não dependendo da Libras para se comunicar; por outro lado os Surdos bilíngues

possuem duas línguas ou mais, a Língua de Sinais e o Português, por exemplo, podendo articular-se de modo eficaz nas duas línguas. O Surdo índio, comunica-se através da língua de sinais indígena e o surdo pós-lingual não depende da língua de sinais para sua efetiva comunicação, conforme apresentado no quadro.

Através deste estudo de caso, podemos ampliar o quadro proposto por Castro Júnior (2011), observando mais um grupo de Surdos no Brasil, o Surdo autista. Este grupo faz referência às pessoas que possuem o Transtorno do Espectro Autista e um nível de surdez que pode ir do leve ao severo. Por se tratar de uma pesquisa recente e haverem poucos Surdos diagnosticados e pouca pesquisa na área, ainda não é possível relatar sobre a Cultura deste sujeito, contudo, foi observado durante todo o estudo que a criança Surda autista está no âmbito da cultura surda, pois o estudante só se manifesta de forma satisfatória quando é apresentado objetos em libras, animais, artefatos culturais e por vezes já o observamos, olhando para outras crianças com aparelhos auditivos ou se comunicando em Libras. A Cultura surda é o jeito de o sujeito surdo entender o mundo e de modificá-lo a fim de torná-lo habitável e acessível às suas percepções visuais, que contribuem para a definição das identidades surdas e das “almas” das comunidades surdas. (STROBEL, 2008, p. 30). Isto significa que abrange a língua, as ideias, as crenças, os hábitos e costumes do povo surdo. Pesquisadora surda relata:

“[...] As identidades surdas são construídas dentro das representações possíveis da cultura surda, elas moldam-se de acordo com maior ou menor receptividade cultural assumida pelo sujeito. E dentro dessa receptividade cultural, também surge aquela luta política ou consciência oposicional pela qual o indivíduo representa a si mesmo, se defende da homogeneização, dos aspectos que o tornam corpo menos habitável, da sensação de invalidez, de inclusão entre os deficientes, de menos valia social”. (PERLIN, 2004, p. 77-78).

Contudo, através dos dados apresentados é possível observar o grau de assimilação e a representação de si mesmo através da cultura surda no estudante Pedro.

Pedro foi implantado em 2011 antes da descoberta do autismo. Desde já, fica claro o motivo da terapia de reabilitação auditiva não ter funcionado. Por se tratar de uma criança muito sensível, agitada e com características e estereotípias observadas de modo claro. De acordo com o Dr. Krishnamurti Sarmiento Jr: “o implante coclear permite que a pessoa volte a ouvir sons, e em muitos casos, distinguir entre as vozes de diferentes pessoas, por exemplo, é muito difícil para o implantado”. Cerca de 40% das crianças com autismo tem alguma anormalidade de sensibilidade sensorial (RIMLAND, 1990). A psicóloga e psicopedagoga Marina Almeida relata que as sensibilidades mais comuns em crianças autistas incluem sons e

tato. Enfim, o implante coclear não obteve os resultados e as respostas esperadas; não houve sucesso nas terapias de reabilitação auditiva e a criança passou a ficar muito agitada e agressiva quando é colocado o aparelho externo. Após a retirada do aparelho foi observado que a criança adquiriu um hábito de bater na cabeça, sempre do lado direito de onde foi retirado o aparelho. Contudo, a comunicação e as interações ocorrem através da Libras, a criança autista manifesta suas vontades através de gestos e de Língua de sinais, não dependendo da Língua Portuguesa para sua comunicação.

1.4 Surdez e Autismo no Brasil – a definição do autismo

A Surdez é um distúrbio que pode ocorrer em pessoas de todas as idades. Algumas crianças já nascem com perdas auditivas que variam em intensidade e grau, e a diminuição da audição parecer ser regra em pessoas idosas.

Segundo o censo realizado em 2010 pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE, cerca de 9,7 milhões de brasileiros possuem deficiência auditiva, o que representa 5,1% da população brasileira. Deste total cerca de 2 milhões possuem a deficiência auditiva severa (1,7 milhões têm grande dificuldade para ouvir e 344,2 mil são surdos), e 7,5 milhões apresentam alguma dificuldade auditiva. As academias de Audiologia, Otorrinolaringologia e Pediatria afirmam que aproximadamente 0,1% das crianças no mundo nascem com deficiência auditiva severa e profunda. Nas crianças até dois anos, a surdez pode ser causada por meningite bacteriana ou virótica (a maior causa de surdez no Brasil, de acordo com o Instituto Nacional de Educação para Surdos - INES); trauma na cabeça associada à perda de consciência ou fratura craniana; medicação ototóxica; e infecção de ouvido persistente ou com duração por mais de três meses além da surdez congênita.

O primeiro estudo epidemiológico sobre autismo foi realizado por Lotter em 1966, na Inglaterra. Entre 1966 e 1991, os estudos revelam o índice médio de 4,4/10000 para autismo, enquanto entre 1992 a 2001, o índice de 12,7/10000.

Considerando-se as taxas de 60/10.000 ou a mais recente taxa de 1% da população brasileira ter o espectro do autismo, podemos estimar, baseado no censo de 2000 (IBGE, 2000), que entre um a dois milhões de brasileiros preenchem critério do espectro autista, sendo de 400 a 600 mil com menos de 20 anos, e entre 120 e 200 mil menores de cinco anos. O ministério da saúde em conjunto com o IBGE, divulgou na data de 27 de março de 2014 um relativo aumento

de quase 30% em relação aos dados anteriores. Em 2008, apontava-se para 2 casos a cada 88 crianças, enquanto que em 2006 era de 1 para 110. Mesmo o autismo podendo ser diagnosticado a partir dos 2 anos de idade, a maioria das crianças só são diagnosticadas após os 4 anos. Como não há comprovação da maior prevalência do autismo em determinadas regiões do planeta ou etnia, a Organização Mundial da Saúde considera os números dos Estados Unidos estimados para todo o planeta. No Brasil estima-se que tenhamos 2 milhões de pessoas com autismo.

Autismo deriva do grego : autos, que significa em si mesmo. Segundo Bosa:

Esse termo na verdade, deriva do grego (autos = si mesmo + ismo = disposição/orientação) e foi tomado emprestado de Bleuler (o qual, por sua vez, subtraiu o “eros” da expressão autoerotismos, cunhada por Ellis, para descrever os sintomas fundamentais da esquizofrenia. (BOSA, 2002, p.26)

O Dr. Leo Kanner foi o primeiro a usar a palavra autismo em 1943. Kanner foi um psiquiatra infantil americano que notou em sua atuação profissional um grupo de crianças que se destacava das demais por duas características básicas: a inaptidão das crianças em estabelecer relações normais com as pessoas e em reagir normalmente às situações desde o início da vida. Em sua primeira publicação, Kanner (1943) ressalta que o sintoma fundamental, “o isolamento autístico”, estava presente na criança desde o início da vida sugerindo que se tratava então de um distúrbio inato.

De acordo com o Manual de Diagnóstico e Estatística dos Transtornos Mentais (DSM-IV), publicado pela Associação Psiquiátrica Americana (2002) define o transtorno Autista como a presença de um desenvolvimento comprometido ou acentuadamente anormal da interação social e da comunicação e um repertório muito restrito de atividades e interesses. As manifestações do transtorno podem variar muito, dependendo do nível de desenvolvimento e da idade cronológica do sujeito.

De acordo com Bosa (2002), são chamadas Autistas as crianças que tem inaptidão para estabelecer relações normais com o outro, um atraso na aquisição da linguagem e, quando ela se desenvolve, uma incapacitação de lhe dar um valor de comunicação. Essas crianças apresentam estereótipos gestuais, uma necessidade de manter inalterável seu ambiente material, ainda que deem provas de uma memória frequentemente notável.

1.5 Tema da monografia e objeto de estudo

Nesta monografia desenvolvemos o tema Surdez e autismo: um estudo de caso. O objeto de estudo é investigar e analisar informações sobre a Surdez e o Autismo no Brasil, com foco no processo educacional, propiciando conhecimentos e informações para que se efetive pesquisas na área da Surdez que propiciem um atendimento eficaz para desenvolvimento dos nossos estudantes Surdos autistas.

1.6 OBJETIVOS

1.6.1 OBJETIVO GERAL

Nesta pesquisa, temos o propósito de realizar um estudo de caso em torno do tema “Surdez e Autismo”, para analisar e compreender o histórico do diagnóstico de uma criança inserida numa escola da rede pública da Secretaria de Estado e Educação do Distrito Federal – SEEDF, que tem dois diagnósticos distintos: a surdez e o autismo.

Segue-se a exposição dos objetivos específicos da pesquisa.

1.6.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

i) Investigar e analisar o conceito de autismo e seu diagnóstico, causas e como ele é percebido pelas pessoas e pelos profissionais que atuam e ou estão ao redor de crianças com esse diagnóstico.

ii) Investigar o histórico da criança Surda e autista, como se deu sua vida antes e após o diagnóstico.

iii) Observar e relatar como é entendida a pessoa com autismo e surdez dentro da própria família e dentro do processo educacional.

iv) Analisar como se dá o processo de ensino aprendizagem do aluno Surdo autista.

v) Elaborar uma proposta de ampliação para o estudo do tema “Surdez e Autismo”, principalmente na divulgação do que precisa ser valorizado no ensino da Libras e da Língua Portuguesa Escrita na perspectiva bilíngue.

1.7 Considerações sobre o Surdo autista no contexto escolar

Em consequência da carência de qualificação profissional para o diagnóstico e atendimento à criança Surda autista, a escola sofre um grande impacto ao receber este aluno.

“A escola recebe uma criança com dificuldades em se relacionar, seguir regras sociais e se adaptar ao novo ambiente. Esse comportamento é logo confundido com falta de educação e limite. E por falta de conhecimento, alguns profissionais da educação não sabem reconhecer e identificar as características de um autista, principalmente os de alto funcionamento, com grau baixo de comprometimento. Os profissionais da educação não são preparados para lidar com crianças autistas e escassez de bibliografias apropriadas dificulta o acesso à informação na área.” (Santos, 2008, p. 9)

A escola tem um compromisso primordial e insubstituível para o desenvolvimento de crianças com deficiências, ora, se a escola tem como compromisso expandir o saber universal, propositalmente terá de saber lidar com o que há de singular na construção desse conhecimento, portanto, no papel da escola está contido estratégias para que estes alunos com Surdez e autismo consigam desenvolver habilidades e capacidades para interagir com outras crianças, integrar se e superar dificuldades de aprendizagem. De acordo com GAUDERER (1987), as crianças com autismo, em geral, apresentam dificuldades em aprender a utilizar corretamente as palavras, mas quando participam de um programa intenso de aulas parecem ocorrer mudanças positivas nas habilidades de linguagem, motoras, interação social e a aprendizagem. A criança autista geralmente tem nível de aprendizagem lento e gradativo, portanto, caberá ao professor e a escola adequar o seu sistema de comunicação a cada aluno. Deve-se perceber que o ensino é o principal objetivo do trabalho com essas crianças; a persistência e a sensibilização dos envolvidos são um grande aliado deste objetivo.

No âmbito escolar, as necessidades especiais podem ser específicas e são conhecidas como “necessidades educacionais especiais”, sendo essas dificuldades em escrever, ler, pintar, desenhar, interpretação textual, ou seja, o termo Pessoas com Necessidades Especiais (PNE) deve ser usado para especificar um aspecto na vida da pessoa, a partir do momento que ela necessite de algum apoio ou instrumento especial que seja primordial para a sua vida na sociedade. Sendo este a não realidade do aluno Surdo, que apenas não escuta e/ou possui alguma dificuldade auditiva, mas geralmente são alunos que sabem ler, pintar, escrever, somar e realizar as atividades, entretanto, o artigo 3º do decreto 3298 de Dezembro de 1999, que regulamenta a Lei Nº 7853/1989, considera-se deficiência a perda ou anormalidade de uma estrutura ou função psicológica, fisiológica ou anatômica que gere incapacidade para o desempenho de atividade dentro do padrão considerado normal para ser o humano. Devido a

este decreto e alguns outros fatores históricos e ao conceito de surdez, apresentado pelo INEP, onde essa diferença apresentada pelo sujeito surdo, trata se de uma definição determinada pelo aspecto biológico, focada na perda auditiva, enquanto que o evidenciado pelo Decreto n. 5.626/2005 se volta a uma especificidade fundamental da pessoa surda, então, os alunos Surdos são considerados dentro da rede de ensino, como estudantes portadores de necessidades educacionais especiais, mas na maioria dos casos, as crianças Surdas apenas necessitam de atenção e uma maior sensibilização a sua identidade, ao seu modo de aprendizagem e principalmente a sua língua que, por sua vez, conduz a uma forma diferenciada de entender o mundo, a partir de experiências visuais.

O Surdo autista lida com duas realidades dentro do sistema educacional, ou seja, ele tem prioridades específicas devido ao fato de ser surdo, em contrapartida, por ser portador de deficiência intelectual, o autismo. Esses dois diagnósticos se confundem dentro do sistema educacional e por muitas vezes, passam despercebidos. Segundo o Censo Escolar 2010 (MEC/INEP), não há dados específicos sobre o número de crianças Surdas autistas matriculadas na rede de ensino do Distrito Federal. Os dados são feitos por prioridades e estudantes com uma ou mais deficiências simultaneamente são considerados como portadores de Deficiências Múltiplas (DEMU). O último Censo Escolar 2015 relata o número de matrículas na educação especial, mas não especifica a necessidade de cada estudante. Segundo o Censo Escolar 2010, o número de surdos matriculados na educação especial passou de 28%, em 2003, para 69%, em 2010 (taxa de crescimento das matrículas de 929,8%). Sendo que 85.090 escolas regulares apresentam matrícula de estudantes público alvo da Educação especial; no Distrito Federal, segundo o censo há 4.649 matrículas na educação especial, sendo que 1485 estudantes são diagnosticados com Transtorno Global de Desenvolvimento, desses 529 estão em classes especiais, 365 nos Centros de Ensino Especial e instituições especializadas e 591 em classes comuns, ou seja, na inclusão. A Secretária do Estado e Educação- SEE/DF, não informou os números de Surdos matriculados na rede de ensino do DF, portanto, até o prezado momento essa pesquisa não poderá relatar os dados de crianças surdas, mas segundo a SEE/DF, há um trabalho em andamento para que este levantamento seja feito, mas ainda não há respostas significativas sobre essa distinção de prioridades dentro das escolas.

CAPÍTULO 2. REVISÃO DA LITERATURA

2.1 Introdução

Nesse segundo capítulo, será apresentado uma Revisão da Literatura passando pelo autismo e a perspectiva da educação bilíngue, sobre a importância de pensar a proposta da educação bilíngue para o surdo autista, bem como na discussão dos critérios de acessibilidade didática para o Surdo autista que devem ser valorizados e utilizados no processo de ensino aprendizagem.

2.2 O autismo e a perspectiva da Educação bilíngue

O objetivo principal ao ensinar crianças com surdez e autismo é prover meios de interação ou comunicação com pais, professores, cuidadores e colegas. Além de atividades manuais e experiências individuais, os alunos também necessitam de estratégias para ajudar a reduzir problemas de falta de concentração e desatenção (KOEGL; JOHNSON, 1989). Obviamente, as crianças autistas bilíngues requerem programas altamente especializados, instruídos por abordagens de educação especial e métodos de desenvolver L1 e L2 (CLOUD, 1988). Segundo Carrisquillo (1990) para fornecer um contexto educacional apropriado para alunos com deficiências tão distintas, os professores precisam de uma fundamentação metodológica e teórica em Educação Bilíngue bem como em Educação especial. Portanto, filosofias e métodos de ensino a crianças Surdas autistas requerem conhecimentos sobre estratégias que devem ser incorporadas na sala de aula, por exemplo: agendamento prévio de atividades rotineiras que se direcionem às necessidades dos alunos, implementação de currículos e técnicas de avaliação, abordagens eficazes de lidar com o comportamento das crianças e colaboração com os pais e outros profissionais.

A história em defesa da Educação bilíngue vem de tempos longínquos, passando por vários tipos de oposições, sempre entremeadas de muitas lutas em defesa da língua de sinais e pela qualidade da educação.

O processo educacional inclusivo teve início com a Declaração de Salamanca em 1994. Está previsto em um dos objetivos especiais da educação inclusiva a inserção de alunos com necessidades educacionais especiais, dentro do sistema regular de ensino, segundo esta lei, em seu artigo 21, devido às dificuldades de comunicação, os estudantes surdos devem estudar em escolas especiais ou classes especiais dentro de escolas regulares.

Reconhecendo o pleito da comunidade surda e a força de movimentos frente à necessidade de se considerar mais de um modelo educacional, bem como frente à tramitação

da meta 4 do PNE na Câmara dos Deputados, acata-se e inclui-se no relatório do PNE o texto proposto pela Feneis:

Garantir a oferta de educação bilíngue, em Língua Brasileira de Sinais – Libras como primeira língua e na modalidade escrita da Língua Portuguesa como segunda Língua, aos alunos surdos e com deficiência auditiva de 0 (zero) a 17 (dezesete) anos, em escolas e classe bilíngues e em escolas inclusivas, nos termos do art. 22 do Decreto nº 5626, de 22 de dezembro de 2005, e dos arts. 24 e 30 da Convenção Sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, bem como a adoção do Sistema Braille de leitura para cegos e surdos-cegos. (Brasil, 2010, grifo nosso).

No caso do sujeito surdo, diversas propostas já haviam sido criadas, mas é notório que a inclusão não depende apenas de acessibilidade ao espaço físico ou adequação de recursos pedagógicos; é necessário tornar acessível também a forma de linguagem como meio de comunicação entre o surdo e todos que fazem parte do processo educacional, conforme é relatado no Programa Nacional de Apoio a Educação de Surdos (PNAES/MEC/FENEIS) de 2001. Muitas ações foram implementadas pelo programa, entre elas, a singularidade linguística do estudante surdo e a divulgação e expansão da Língua Brasileira de Sinais – Libras em todo o Brasil.

Essa proposta bilíngue busca resgatar o direito da pessoa surda de ser ensinada em sua língua. De acordo com o Decreto nº 5626/2005, as classes de educação bilíngue são aquelas em que a libras e a modalidade escrita da língua portuguesa são línguas de instrução utilizadas no desenvolvimento de todo o processo educativo.

Toda essa mudança veio em resposta a reivindicação e o reconhecimento da língua de sinais como a primeira língua (L1) e a língua majoritária, no caso o Português, como segunda língua (L2), a essa educação dá – se o nome de Educação bilíngue. Libras é a língua natural do surdo e ocorre na modalidade visual-espacial. Permite uma comunicação efetiva entre e com os surdos, representando os valores culturais, sociais e científicos dessa comunidade (QUADROS, 2006).

2.3 A importância de pensar a proposta da educação bilíngue para o Surdo autista

Através do que foi apresentado no tópico anterior, torna se claro a necessidade de pensar nessa proposta bilíngue para os Surdos autistas, regulamentado pelo Decreto nº 5626/2005, onde o reconhecimento da Língua de Sinais como L1 e a Língua portuguesa como L2 para esse público, resgata não só o direito da pessoa surda de ser ensinada em sua língua,

mas também prevê uma educação baseada em suas necessidades, aumentando suas possibilidades.

2.4 Critérios de acessibilidade didática para o Surdo autista

A evolução da tecnologia cria os dispositivos e as ferramentas que abrem novos caminhos na área da educação, principalmente em situações especiais de aprendizagem. Por outro lado, recursos pedagógicos adaptados têm facilitado o aprendizado dos alunos com necessidades especiais, como por exemplo: quebra-cabeça, jogos de numerais em madeira, cadernos com recursos visuais, atividades que são de fácil execução e podem favorecer o desempenho das atividades propostas; e outros recursos que o professor pode criar, a partir das necessidades dos estudantes.

Desde 2005, as ações políticas públicas vêm se direcionando para a utilização da Língua de Sinais nas atividades e nos conteúdos curriculares desenvolvidos em todos os níveis e etapas de educação, assim, tornou-se imprescindível a necessidade de elaboração de propostas e a execução de projetos que garantam ao aluno surdo, seja ele autista ou não, materiais didáticos com acessibilidade em sua Língua Brasileira de Sinais.

Após a implementação da lei de Libras (Nº 10.460, de 2002), um dos maiores desafios da educação de Surdos é a produção de materiais didáticos e paradidáticos com condições de acessibilidade para esses alunos. Após a vivência em uma escola com alunos surdos é possível observar a lacuna existente neste campo e como, por muitas vezes, ela é preenchida incansavelmente com um alto investimento de recursos humanos e tecnológicos resultando em uma produção limitada e direcionada para cada caso, ou seja, dificilmente há o compartilhamento de iniciativas de acessibilidade didática para alunos com essas necessidades. De acordo com a Lei nº 13.146 de 2015, no In. VIII – são direitos da pessoa com deficiências: tecnologia assistiva ou ajuda técnica: produtos, equipamentos, dispositivos, recursos, metodologias, estratégias, práticas e serviços que objetivem promover a funcionalidade, relacionada à atividade e à participação da pessoa com deficiência ou com mobilidade reduzida, visando à sua autonomia, independência, qualidade de vida e inclusão social; Contudo, os critérios de acessibilidade didática para o aluno Surdo autista está mais distante da realidade do que diz a lei. Como mencionado, dentro das escolas há um vazio nessa área de material didático que possibilite o aprendizado desses estudantes, de modo que eles ganhem autonomia e assim,

possibilite ao professor um trabalho voltado as necessidades dos alunos, priorizando seu acesso a tecnologias e recursos que visem sua autonomia.

CAPÍTULO 3. METODOLOGIA

3.1 Introdução

No capítulo 3, teremos a metodologia e o tipo de pesquisa, a mostra da coleta e análise dos dados, explicaremos os procedimentos metodológicos para o estudo de caso e iremos discutir e analisar o Surdo autista a partir das discussões das análises dos dados da pesquisa, onde levantaremos algumas questões e resultados que são cruciais para o estudo de caso e iremos elaborar uma proposta de ampliação do contexto de pesquisa para o efetivo registro de Surdos autistas no contexto escolar e suas especificidades no ensino de Libras e do Português por Escrito.

3.2 Método e tipo de pesquisa

Neste capítulo, serão descritos os procedimentos metodológicos adotados para desenvolver essa pesquisa. O delineamento desta pesquisa é qualitativo e este estudo busca compreender as trocas feitas em um determinado contexto social e de acordo com GODOY (1995) visa o exame detalhado de um ambiente, de um sujeito ou de uma situação.

A escolha desta abordagem se deve ao fato desta pesquisa buscar entender o contexto em que está inserido o Surdo autista, ou seja, na escola; analisar todo o seu histórico antes e após o diagnóstico do Autismo, permitindo analisar a necessidade de um olhar diferenciado e capacitado para nossos estudantes Surdos autistas e assim, propiciar o conhecimento e informações para que haja uma cobrança para as autoridades de modo que se efetive as políticas públicas para o atendimento e desenvolvimento de nossos estudantes; buscar elaborar uma proposta de ampliação do contexto de pesquisa para o efetivo registro de Surdos autistas no contexto escolar e suas especificidades no ensino de Libras e do Português por Escrito.

Sendo assim a epistemologia qualitativa é entendida por González Rey como:

... um esforço na busca de formas diferentes de produção de conhecimento em psicologia que permitam a criação teórica acerca da realidade plurideterminada,

diferenciada, irregular, interativa e histórica, que representa a subjetividade humana. (2002, p. 29).

Neste estudo há necessidade de se utilizar a análise qualitativa, pois as observações analisadas são produtos de uma história que envolve o homem como um ser singular e suas relações de comunicação e diálogo no contexto do ambiente educacional, ou seja, este estudo de caso é algo novo devido ao desconhecimento de pesquisas que evidenciem o Surdo autista e seu modo de aprendizagem.

A criança Surda autista participante desta pesquisa será chamada de Pedro, para que sejam mantidos o sigilo e a privacidade das pessoas e dos dados coletados. Os instrumentos utilizados nesta pesquisa são entrevistas estruturadas, presenciais e online, sendo que, as entrevistas têm o foco no ambiente familiar da criança, da mãe e os demais participantes, de modo que, seja possível identificar o histórico da criança e suas etapas de desenvolvimento. As entrevistas foram feitas partindo da ideia que é necessário conhecer e entender o autismo, suas causas e seu diagnóstico, para que seja possível trabalhar suas limitações; e obter informações sobre a família e sobre o nascimento da criança são partes primordiais da pesquisa. Quando tratamos de pesquisa qualitativa, frequentemente as atividades que acompanham a pesquisa são exploratórias, além de antecederem à construção do projeto, também a sucedem, portanto, muitas vezes é necessária uma aproximação maior com o campo de observação para melhor visualizarmos outras questões, tais como os instrumentos de investigação. A fase exploratória é sem dúvida um de seus momentos mais importantes (Minayo, 1992). Portanto, as pessoas que participam do desenvolvimento e da rotina diária da criança Surda autista foram entrevistadas no intuito de termos o conhecimento necessário para falarmos do tema surdez e autismo; a primeira entrevista foi feita com o psiquiatra infantil, que evidenciou a descoberta do diagnóstico do autismo no estudante Pedro; e da pedagoga, atuante na Classe Bilingue de 2º ano em que o estudante está matriculado. Posteriormente, fizemos uma entrevista com a mãe, relatando todo o histórico da criança.

As observações foram feitas dentro da Classe Bilíngue de 2º ano, na Escola Classe 01 de Planaltina; esta escola é um polo da educação inclusiva, atendendo crianças desde o 1º ano até o 5º ano da Educação básica; e nela está matriculado 16 crianças surdas. Atualmente, a Classe Bilíngue de 2º ano existe apenas para suprir a necessidade desta criança, ela frequenta esta classe sozinha, apenas com a professora e o auxílio de uma monitora. Devido ao fato de

não ter uma turma bilíngue de 1º ano, Pedro foi matriculado numa turma de 2º ano, apenas para que a escola pudesse recebe-lo. As observações ocorrerão durante o período de 21/03/2016 a 20/06/2016; durante estes meses observei o comportamento da criança, suas atitudes, seu desenvolvimento e aprendizado.

3.3 Coleta e Análise dos dados

Antes de apresentar a coleta e análise dos dados faz se necessário a apresentação do histórico da criança autista, com base em relatos de antigos professores de Pedro e da mãe.

Pedro nasceu no dia 02/06/2008 com 33 semanas de gestação. Com três dias de vida foi diagnosticado com icterícia, num nível grave e foi medicado, apresentando logo depois reação alérgica ao medicamento, e por isso precisou ficar internado por vários dias para que houvesse desintoxicação. Durante seus primeiros meses, foi relatado pela mãe que Pedro era um bebê que dormia muito e apresentava atrasos no desenvolvimento, como andar, sentar e adquirir controle cervical. Aos sete meses foi encaminhado para estimulação precoce pela pediatra e frequentou este atendimento por mais ou menos dois anos; ainda aos sete meses foi encaminhado ao Hospital Universitário de Brasília, onde inicialmente foi diagnosticado com Deficiência Auditiva leve e começou um tratamento de equoterapia. Após alguns meses a família notou não haver respostas significativas ao tratamento e procurou fazer mais exames, em busca de descobrir o real diagnóstico da criança.

Em torno dos dois anos e meio, foi diagnosticada Deficiência Auditiva Profunda Bilateral e a partir desse diagnóstico foi providenciado a cirurgia para o Implante Coclear no Hospital Universitário de Brasília; após a cirurgia iniciou se o tratamento fonoterápico e ambulatorial para reabilitação auditiva, mas a criança teve desenvolvimento aquém do esperado e apresentava comportamento agitado após a colocação do implante, atrapalhando o sucesso da terapia de reabilitação; A mãe reclama bastante dos atendimentos durante as terapias e relata não serem suficientes ou não terem a consistência necessária, segundo o relato da mãe, as consultas são em datas distantes uma da outra e há muita interrupção nas sessões com o psicólogo e com o fonoaudiólogo; relata também, que já houve investigação por parte da neuropediatria sobre possíveis comprometimentos que não estejam relacionados diretamente com a Deficiência Auditiva, mas que até então, nada foi diagnosticado.

Os médicos resolveram encaminhar a criança ao CEAL (Centro Educacional de Audição e linguagem Luduvico Pavoni), onde passou a receber atendimento fonoaudiológico duas vezes por semana; em 2012 foi matriculado numa escola particular para que o atendimento no CEAL prosseguisse; Após sua inclusão numa escola particular, notou-se que ele precisava do acompanhamento constante da mãe dentro de sala de aula, pois a criança apresentava um relacionamento muito conflituoso com os colegas e com a professora, sendo por muitas vezes agressivo. Devido à todas essas complicações, a criança só frequentou seis meses de aula e a partir do momento que deixou a escola também perdeu seu atendimento no CEAL, tendo com justificativa seu comportamento inquieto; após alguns meses a mãe procurou atendimento no CREP (Coordenação Regional de Ensino de Planaltina-DF), que possibilitou a sua inclusão na rede pública no ano de 2013.

Pedro foi matriculado na Escola Classe 01 de Planaltina em 2013, começou a frequentar uma turma com 7 alunos ouvintes e 3 surdos, estes variando de surdez moderada à profunda. O estudante tinha 4 anos de idade quando foi matriculado e apresentava dificuldades de comportamento e no relacionamento com a professora e com os colegas; dentro da sala de aula sempre mantinha o olhar distante, apresentando problemas com relação a manter o olhar fixo em objetos ou nas pessoas ao seu redor; demonstrava ainda dificuldades em cumprir regras, sempre saía correndo da sala de aula, sentava sempre nos cantos longe de todo mundo e quando era contrariado ficava agitado e batia na professora e nos colegas. Em determinados momentos, devido a sua agressividade, atrapalhava a aula, pois jogava objetos no chão e na porta e sempre que havia atividades em grupo Pedro se comportava de forma indiferente.

Em 25/03/2013, após uma queixa da mãe de distúrbio comportamental, o neuropediatra levanta uma hipótese diagnosticada de RDNPM Progresso (transtorno emocional reativo transitório), com reavaliação quanto ao uso de modulador de humor previsto para agosto do mesmo ano, mas não houve registro de acompanhamento ou retorno.

A instituição educacional observando as dificuldades do estudante, optou por inseri-lo numa rotina escolar e a partir desse momento, Pedro começou a se portar de modo diferente; outro momento crucial foi à vinda de uma monitora para o acompanhamento de suas atividades em sala. No final do ano de 2013 nota-se que o estudante já consegue se comunicar em gestos, apontando o que quer, organiza seu lanche sozinho e se alimenta sem a ajuda de outras pessoas e começa a manter o olhar fixo em coisas que lhe chamam atenção, seja em filmes ou em outros.

No ano de 2014, o aluno começou a demonstrar um comportamento alheio a rotina da sala, não estabelecendo interação com a professora nem com os colegas; não estabelece contato visual, só quando a professora segura seu queixo e vira seu rosto; quando chega na sala de aula começa a mexer nos materiais que encontra, passando de um material a outro rapidamente, derrubando objetos e deixando-os espalhados pelo chão. Reage com agressividade quando é trazido a participar com os colegas das atividades que estão sendo propostas, mas não demonstra reações agressivas com as outras crianças, tampouco inicia a interação ou responde às aproximações dos colegas. Durante as atividades se recusa a participar, mesmo com acompanhamento individualizado e por exemplo, se é solicitado que faça um desenho, nem mesmo pega o giz de cera para fazer riscos aleatórios espontaneamente. A concentração de Pedro é mínima durante o manuseio de qualquer objeto e suas respostas mais positivas as atividades propostas foram com a utilização de massinha e bonecos de animais, mas não consegue ficar sentado durante as atividades, sejam coletivas ou individuais.

O estudante tem reações agressivas sempre que lhe é negado algo, esperneia e chora e demonstra muita dependência para realização das atividades e AVAS (Atividades de Vida Autônoma e Social).

No ano de 2015, a escola conseguiu com o apoio da Subsecretária e da Regional de Ensino de Planaltina-DF, a implementação de uma Classe Bilíngue de 2º ano, formada exclusivamente para atender dois alunos no turno matutino, porém até a presente data o estudante é o único a frequentar a turma. Após sua inclusão nessa Classe, segundo a professora, Pedro vem aos poucos internalizando a rotina escolar e demonstra ser uma criança esperta e bastante carinhosa; demonstra ainda alguns avanços com relação ao ano anterior, como: pedir para ir ao banheiro; seguir a rotina desenvolvida para ele; interagir com a professora em determinadas brincadeiras; ensaiar alguns sinais em Libras e demonstra estar calmo, de modo a aceitar algumas atividades propostas.

O estudante Pedro está IMPLANTADO a algum tempo e não foi observado pela equipe que o atende nenhum avanço na percepção auditiva, assim, tem se pautado o uso da comunicação da Língua Brasileira de Sinais, proposto pela SEE/DF.

No começo de 2015, a pedagoga que acompanha o estudante, juntamente com a equipe psicopedagógica da instituição começou a observar determinados comportamentos que possivelmente não eram decorrentes da surdez. Pedro apresentava dificuldades em usar

adequadamente o contato ocular, gestos e expressão facial para lidar com a interação social; apresentava marcante lesão na comunicação, ausência de uso social de quaisquer habilidades de linguagem existentes, diminuição de ações imaginativas e de imitação social e padrões restritos, repetitivos e estereotipados de comportamento, obsessão por padrões restritos de interesse e hábitos motores estereotipados e repetitivos. Após essas observações foi relatado a mãe, que pediu aos pediatras que acompanhavam seu filho um encaminhamento para a psiquiatria infantil do Hospital Universitário de Brasília, onde em 04 de janeiro de 2016, foi diagnosticado um Transtorno invasivo do desenvolvimento, conhecido como Autismo.

Pedro tem agora 7 anos e é portador de dois diagnósticos totalmente distintos, mas que eram confundidos até então. Em alguns casos o autismo se apresenta de modo sutil e apenas com o passar dos anos e do desenvolvimento é que se pode diagnosticar corretamente esse transtorno; a escola precisou se readaptar e toda a rotina familiar mudou a partir desta descoberta; dentro do ambiente escolar, Pedro foi mantido numa classe bilíngue de segundo ano, agora com o acompanhamento de uma pedagoga e uma Educadora Social formada em Libras, mas até o prezado momento, a instituição escolar busca desenvolver atividades de memória, pensamento, atenção e criatividade, estimulando a capacidade da criança de se comunicar através da linguagem verbal e não verbal. Até o prezado momento, Pedro não participa de nenhum tipo de terapia para crianças autistas nem tampouco sua família reconhece a urgência deste acompanhamento, então a escola fica com todo o trabalho de acompanhamento, sendo que as pedagogas não têm o preparo necessário para lidar com determinados comportamentos e estereotípias.

Análise:

Após a descrição da história de Pedro é possível através de uma análise feito pelo Doutor Jair de Jesus Mari, onde dentro dos fatores ambientais é detectado uma maior importância para o risco de Autismo quando há complicações durante o nascimento, infecções maternas ou a medicação que se recebe antes e após o nascimento, face aos fatores ambientais compartilhados pelos familiares. Portanto, Pedro passou além de complicações ao nascer, ele também recebeu uma medicação de modo equivocado, provocando um possível transtorno que teve impacto em seu desenvolvimento. De acordo com o artigo publicado no *The Journal of the American Medical Association – JAMA*, uma grande pesquisa foi feita na Suécia, na busca de analisar fatores considerados significativos para o desenvolvimento do autismo; segundo está

pesquisa os maiores fatores contribuintes estão no ambiente, ou seja, o nascimento da criança e as complicações durante a gravidez fazem parte destes fatores. Leboyer menciona que:

[...] A lista de situações patológicas é muito extensa e inclui fatores pré, peri e neonatais, infecções virais neonatais, doenças metabólicas, doenças neurológicas e doenças hereditárias. Apesar da ausência aparente de ligação entre elas, um ponto comum às reúne: todas as patologias são suscetíveis de induzir uma disfunção cerebral que interfere no desenvolvimento do sistema nervoso central.(LEBOYER, 2005, P. 60).

Após relatarmos sobre o nascimento da criança é possível analisar através de sua história, que o autismo só começou a ser percebido quando a criança foi inserida em um ambiente de interação social, ou seja, a escola. Segundo Lorna Wing (1979) as pessoas autistas possuem três grandes grupos de perturbação: a Área Social, a da Linguagem e Comunicação e a do Comportamento e Pensamento. Sendo assim, Pedro ao ser inserido em um ambiente de interação com outras crianças apresentou dificuldades de relacionamento, pois não conseguia interagir e muito menos compreender as regras sociais. Após sua inserção em uma escola da rede pública do DF, foi possível observar alguns outros fatores que levarão a ideia de que Pedro não era apenas uma criança surda, como por exemplo: expressões faciais, pobreza no contato visual, relação com os pares, primar pela rotina e comportamento agitado quando ocorria padrões fora do seu habitual. Por outro lado, a criança não apresentava um comportamento de aversão a outras crianças, buscando por vezes um contato físico. Alguns estudos comprovam, segundo Trevarthen (1996, in: Baptista e Bossa, 2002, p. 34), “nem todos os autistas mostram aversão ao toque ou isolamento, alguns ao contrário, podem buscar o contato físico, inclusive de uma forma intensa, quando não “pegajosa”, segundo pais e professores”. Conclui-se que a criança sempre teve traços e características do autismo, sendo, por vezes agressivo, devido ao fato de não compreender as regras sociais e de não conseguir demonstrar seus sentimentos, ou em seu modo alheio a tentativas da instituição em molda-lo dentro da inclusão escolar, como apenas uma criança surda.

Entrevistas

Após este relato da história da criança Surda autista, será apresentado as entrevistas estruturadas, feitas de forma online e presenciais, evidenciando o relevante papel destes dados nesta pesquisa qualitativa.

As três entrevistas apresentadas estão dispostas em 1. O médico/psiquiatra infantil; 2. Pedagoga; 3. Mãe do Pedro. Esta ordem será seguida para as entrevistas a seguir e posteriormente nas análises.

A entrevista **1** ocorreu de forma online, através de questionário estruturado com foco no autismo e em como por muitas vezes os diagnósticos podem ser confundidos. No caso de Pedro, como evidenciado em seu histórico ele foi tido como surdo a vida inteira e há pouco menos de um ano, foi dado seu diagnóstico final de surdez severa e autismo infantil. A entrevista foi respondida na data de 16 de junho/2016 em Brasília, com um psiquiatra infantil, CRMDF: 14680. As questões e as respostas são apresentadas a seguir:

1 - O diagnóstico diferencial do Autismo Infantil não é uma questão simples, pois a condição autística pode confundir-se com outras condições, por possuir quadros com características semelhantes e fatores comuns há outros diagnósticos, quadros como deficiência mental pura, afasia, esquizofrenia e outros, devem também, ser muito bem diferenciados apesar de os mesmos apresentarem sintomas comuns ao autismo. Você poderia me explicar como é feito o diagnóstico do Autismo?

O diagnóstico de autismo segue os critérios colocados no Manual Diagnóstico e Estatístico dos Transtornos Mentais, 5 edição – DSM-5. O Transtorno do Espectro Autista está contemplado no primeiro capítulo do Manual, intitulado Transtornos do Neurodesenvolvimento.

Além dos critérios diagnósticos, devemos ficar atentos aos diagnósticos diferenciais, sendo que é primordial a exclusão de perdas auditivas que podem justificar o quadro.

Transtorno do Espectro Autista

Crítérios Diagnósticos

299.00 (F84.0)

A. Déficits persistentes na comunicação social e na interação social em múltiplos contextos, conforme manifestado pelo que segue, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos; ver o texto):

1. Déficits na reciprocidade socioemocional, variando, por exemplo, de abordagem social anormal e dificuldade para estabelecer uma conversa normal a compartilhamento reduzido de interesses, emoções ou afeto, a dificuldade para iniciar ou responder a interações sociais.
2. Déficits nos comportamentos comunicativos não verbais usados para interação social, variando, por exemplo, de comunicação verbal e não verbal pouco integrada a anormalidade no contato visual e linguagem corporal ou déficits na compreensão e uso gestos, a ausência total de expressões faciais e comunicação não verbal.
3. Déficits para desenvolver, manter e compreender relacionamentos, variando, por exemplo, de dificuldade em ajustar o comportamento para se adequar a contextos sociais diversos a dificuldade em compartilhar brincadeiras imaginativas ou em fazer amigos, a ausência de interesse por pares.

Especificar a gravidade atual:

A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões de comportamento restritos e repetitivos (ver Tabela 2).

B. Padrões restritos e repetitivos de comportamento, interesses ou atividades, conforme manifestado por pelo menos dois dos seguintes, atualmente ou por história prévia (os exemplos são apenas ilustrativos, e não exaustivos; ver o texto):

1. Movimentos motores, uso de objetos ou fala estereotipados ou repetitivos (p. ex., estereotípicas motoras simples, alinhar brinquedos ou girar objetos, ecolalia, frases idiossincráticas).
2. Insistência nas mesmas coisas, adesão inflexível a rotinas ou padrões ritualizados de comportamento verbal ou não verbal (p. ex., sofrimento extremo em relação a pequenas mudanças, dificuldades com transições, padrões rígidos de pensamento, rituais de saudação, necessidade de fazer o mesmo caminho ou ingerir os mesmos alimentos diariamente).
3. Interesses fixos e altamente restritos que são anormais em intensidade ou foco (p. ex., forte apego a ou preocupação com objetos incomuns, interesses excessivamente circunscritos ou perseverativos).
4. Hiper ou hiporreatividade a estímulos sensoriais ou interesse incomum por aspectos sensoriais do ambiente (p. ex., indiferença aparente a dor/temperatura, reação contrária a sons ou texturas específicas, cheirar ou tocar objetos de forma excessiva, fascinação visual por luzes ou movimento).

Especificar a gravidade atual:

A gravidade baseia-se em prejuízos na comunicação social e em padrões restritos ou repetitivos de comportamento (ver Tabela 2).

Gravidade de transtorno do espectro autista e deficiência intelectual, a comunicação social deve estar abaixo do esperado para o nível geral do desenvolvimento.

Nota: Indivíduos com um diagnóstico do DSM-IV bem estabelecido de transtorno autista, transtorno de Asperger ou transtorno global do desenvolvimento sem outra especificação devem receber o diagnóstico de transtorno do espectro autista. Indivíduos com déficits acentuados na comunicação social, cujos sintomas, porém, não atendam, de outra forma, critérios de transtorno do espectro autista, devem ser avaliados em relação a transtorno da comunicação social (pragmática).

Especificar se:

Com ou sem comprometimento intelectual concomitante

Com ou sem comprometimento da linguagem concomitante

Associado a alguma condição médica ou genética conhecida ou a fator ambiental

(Nota para codificação: Usar código adicional para identificar a condição médica ou genética associada.)

Associado a outro transtorno do neurodesenvolvimento, mental ou comportamental (Nota para codificação: Usar código[s] adicional[is] para identificar o[s] transtorno[s] do neurodesenvolvimento, mental ou comportamental associado[s].)

Com catatonia (consultar os critérios para definição de catatonia associados a outro transtorno mental, p. 119-120) (Nota para codificação: usar o código adicional 293.89 [F06.1] de

TABELA 2 Níveis de gravidade para transtorno do espectro autista

Nível de gravidade	Comunicação social	Comportamentos restritos e repetitivos
Nível 3 "Exigindo apoio muito substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal causam prejuízos graves de funcionamento, grande limitação em dar início a interações sociais e resposta mínima a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa com fala inteligível de poucas palavras que raramente inicia as interações e, quando o faz, tem abordagens incomuns apenas para satisfazer a necessidades e reage somente a abordagens sociais muito diretas.	Inflexibilidade de comportamento, extrema dificuldade em lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos interferem acentuadamente no funcionamento em todas as esferas. Grande sofrimento/dificuldade para mudar o foco ou
Nível 2 "Exigindo apoio substancial"	Déficits graves nas habilidades de comunicação social verbal e não verbal; prejuízos sociais aparentes mesmo na presença de apoio; limitação em dar início a interações sociais e resposta reduzida ou anormal a aberturas sociais que partem de outros. Por exemplo, uma pessoa que fala frases simples, cuja interação se limita a interesses especiais reduzidos e que apresenta comunicação não verbal acentuadamente estranha.	Inflexibilidade do comportamento, dificuldade de lidar com a mudança ou outros comportamentos restritos/repetitivos aparecem com frequência suficiente para serem óbvios ao observador casual e interferem no funcionamento em uma variedade de contextos. Sofrimento e/ou dificuldade de mudar o foco ou as ações.
Nível 1 "Exigindo apoio"	Na ausência de apoio, déficits na comunicação social causam prejuízos notáveis. Dificuldade para iniciar interações sociais e exemplos claros de respostas atípicas ou sem sucesso a aberturas sociais dos outros. Pode parecer apresentar interesse reduzido por interações sociais. Por exemplo, uma pessoa que consegue falar frases completas e envolver-se na comunicação, embora apresente falhas na conversação	Inflexibilidade de comportamento causa interferência significativa no funcionamento em um ou mais contextos. Dificuldade em trocar de atividade. Problemas para organização e planejamento são obstáculos à

2 - Você tem alguns casos que sejam semelhantes ao do paciente Pedro?

Sim, dentro da prática clínica, algumas crianças com características parecidas com a de Pedro se fazem presentes.

3 - Quando há dois diagnósticos, ambos podem se constituir uma dificuldade, provocando muitos contratemplos no que diz respeito ao prognóstico, tanto de uma condição quanto de outra. A suspeita de surdez pelos pais tem representado a primeira queixa em maioria dos seus casos de crianças autistas? Você concorda que isso é considerado um achado sistemático na história da criança autista, o que poderia, portanto, funcionar como um forte propulsor para o diagnóstico correto?

Quando os pais, ou o médico de referência, começam a perceber que algo não vai bem no desenvolvimento da criança, algumas características que demonstram uma apatia ou afastamento social podem ser parecidas com as características de perda auditiva. "Ele não atende quando chamamos", "ele parece que não escuta quando falamos com ele", "ele não olha para a TV quando colocamos um vídeo ou música", são frases frequentes reportadas. O trabalho do diagnóstico é discernir se essa criança não olha pois não escuta, ou não olha pois não tem interesse em olhar. Dentro desse trabalho, saber se essa criança tem alguma perda auditiva é fundamental, mas um diagnóstico não exclui o outro.

Como sinais vermelhos precoces, para atenção por parte dos cuidadores, são os de bebês que não apresentam sorriso social nos primeiros meses, que não buscam com o olhar uma fonte sonora e principalmente a voz humana. Atualmente, já é comum ser feito com uma certa rotina o “teste da orelhinha”, que rastreia perdas auditivas.

4 - É comum atender uma criança autista tendo-a como surda? E uma criança autista e surda concomitantemente, tendo-a apenas como surda ou apenas como autista, e até, ainda mais raro, uma criança surda tendo-a como autista?

Não é comum atender uma criança autista tendo ela como surda. Tal condição é investigada, e existem algumas diferenças que ficam patentes na avaliação clínica. Uma criança pode ter autismo e ter algum grau de comprometimento auditivo. Esse comprometimento pode interferir no desenvolvimento das habilidades sociais, mas a surdez não leva ao autismo.

4a - O que você poderia nos dizer inicialmente sobre as diferenças entre uma criança surda, com alguns problemas de socialização e uma criança autista? Por exemplo uma criança com Deficiência Auditiva, seja parcial ou total, apresenta aspectos sociais-interativos que os autistas (dependendo do “espectro autista”) não apresenta? Poderia me citar um.

Uma criança surda, tem os outros sentidos com bom funcionamento. Então a avidez pelo contato social, a procura social, o interesse na reciprocidade estão intactos.

Em relação a uma criança parcialmente surda, nota se um caráter bastante definido de suas respostas, no que diz respeito a parâmetros de intensidade e frequência sonora, enquanto que, na criança autista esse caráter não é definido, havendo uma inconstância muito grande de respostas.

5 – Sobre a família, a partir do diagnóstico de autismo, o que você pensa ser necessário ou que deve ser feito para ajudar os pais a lidar com está complexa situação? A colaboração e o entendimento dos pais são fatores decisivos para que haja evolução e um melhor desenvolvimento da criança?

O acompanhamento dos pacientes diagnosticados com autismo é multidisciplinar; contemplando vários aspectos do desenvolvimento infantil. Este trabalho também deve ser estendido aos familiares. Quanto maior o entendimento e a psicoeducação familiar, melhor é o prognóstico.

6 – Você concorda que é necessário compreendermos a subjetividade do diagnóstico nos primeiros anos de vida, mas também, o valor de um atendimento que privilegie as necessidades individuais da criança, seja ela surda ou autista?

Cada entidade clínica deve ser diagnosticada corretamente, o mais precoce possível, para que a estratégia terapêutica seja elaborada de maneira singular, contemplando a especificidade de cada indivíduo.

7 - Uma criança surda com dificuldades emocionais, ao ser trabalhada de acordo com suas necessidades, ela pode perder esta qualidade distante, fria de caráter voltado para seus próprios interesses? Isso ocorre para os autistas também? É possível melhorar ou regredir?

O trabalho multidisciplinar visa melhorias dos aspectos sociais, treinamento de habilidades, individualização, prevendo independência e fortalecimento do psiquismo. Várias dificuldades são trabalhadas e minimizadas.

8 - Você poderia comentar uma citação de um autor?

Sugiyama (1994) define o autismo como uma desordem do desenvolvimento, enfatizando sinais de alteração no desenvolvimento da linguagem. Ele acrescenta dados como distúrbios de alimentação e sono e ainda a presença de distúrbios precoces de comportamento, envolvendo irritabilidade. Ele também afirma que a desordem autística já é possível de ser percebida ao redor de 3 meses de idade.

O autor coloca características pertinentes no quadro do autismo. Pode-se sim, muitos estudos colocam de maneira clara que muitas características do autismo já podem ser percebidas de forma precoce.

9 Cohen e Frith (1987) levantaram a possibilidade de o autismo poder vir a ser decorrente de privação sensorial, ou seja, a condição autística ser passível de ser

desenvolvida devido a surdez. No entanto, a reflexão sobre o fato de que a grande maioria de crianças surdas não apresentam dificuldades comunicativas e sociais, encontradas nas crianças autistas, significou um fator contra essa ideia. Por outro lado, há estudos que sugerem que anormalidades auditivas na infância atuam como agentes neuropatológicos, devido a uma influência sobre a maturação normal de sistemas de giros cerebrais. Nessa abordagem, o autismo poderia surgir de uma privação sensorial. Você poderia comentar esse pensamento.

Distúrbios Auditivos não levam ao autismo.

10 - De qual modo você conheceu o paciente Pedro?

O paciente foi encaminhado pelo ambulatório de saúde auditiva, para diagnóstico diferencial e conduta terapêutica.

11 - O diagnóstico do Pedro se deu de modo conturbado ou confuso devido à idade tardia? Ou o modo em que conheceu o caso?

A surdez é um fator confundidor, a idade não dificulta o diagnóstico, mas dificulta o tratamento.

Análise

De acordo com a entrevista feita com o psiquiatra infantil que acompanhou todo o diagnóstico, o autismo segue critérios colocados no Manual Diagnóstico dos Transtornos Mentais, 5 edição – DSM-5. Além desses critérios deve ser observado os diagnósticos diferenciais, sendo que é primordial a exclusão de perdas auditivas para justificar o quadro. Os déficits persistentes na comunicação social e na interação social devem ser observados para que o diagnóstico seja comprovado. O Dr. utilizou de exemplos durante a entrevista para facilitar o entendimento de características divergentes das características de crianças surdas. Segundo o psiquiatra o trabalho do diagnóstico vai discernir se essa criança não olha pois não escuta, ou não olha pois não tem interesse em olhar. Dentro deste trabalho saber se a criança tem alguma perda auditiva é essencial, mas um diagnóstico não exclui o outro. De acordo com Fornero (2000):

[...] o deficiente auditivo age através de condutas comunicativas, apresentando iniciativa interacional, perante um desejo ou necessidade, mesmo que através de

formas proporcionais a sua restrição auditiva. Já o indivíduo autista, independente do grau do “espectro autístico” observa-se uma dificuldade, quanto a intenção interativa-comunicativa, assim como nessa função regulatória. (FORNERO, 2000, p.30).

Desse modo, Pedro sempre foi tido como uma criança apenas surda, pois ele não apresentava respostas significativas quando era chamado sua atenção, somente após um diagnóstico mais apurado, observando suas características é que foi possível diagnosticá-lo como uma criança Surda autista.

O Dr. durante a entrevista menciona que o acompanhamento dos pacientes com autismo é multidisciplinar, contemplando vários aspectos do desenvolvimento infantil, esse trabalho, deve ser estendido a família. De acordo com o Núcleo de Atendimento Social Sistêmico, a terapia familiar visa proporcionar a ampliação da realidade, através de um olhar para além do adoecimento. Esta terapia é de suma importância para a família apresentada neste estudo de caso, principalmente no contexto familiar e variáveis envolvidas no problema apresentado. Contudo, esta terapia não está contemplada no contexto familiar, ou seja, a família não tem nenhum tipo de apoio para lidar com o autismo, estas informações serão mencionadas na análise da entrevista 3.

Ainda com base na entrevista 1, o Dr. nos leva a compreender que distúrbios auditivos não levam ao autismo.

Entrevista

Entrevista 2, feita com a pedagoga de modo online, através de um questionário previamente preparado e respondido através de e-mail; este questionário tem o intuito de relatar a formação da professora em questão, além de conhecer suas expectativas e seus relatos de dificuldades e considerações acerca do ambiente educacional. O questionário é apresentado a seguir:

1 – Qual sua formação Acadêmica?

Graduação: Pedagogia (UnB) e Especialização: Metodologia do Ensino Fundamental (UFG)

2 – Há quanto tempo você atua na prática educacional?

Há 11 anos, sendo 4 anos em uma instituição educacional privado e os demais na SEE/DF.

3 – Você tem formação em Libras/Cursos na área de educação especial?

Sim. Libras Básico I, Deficiências Múltiplas e Inclusão Social e Educação Inclusiva.

4 – O estudante em questão foi seu primeiro aluno Surdo autista?

Surdo e autista sim.

5 – Há quanto tempo você conhece o estudante Pedro?

Desde 2012, quando Pedro matriculado em uma Classe Bilíngue de 2º Período da Educação Infantil, na escola em que leciono; antes disso eu era professora em outra classe e não tinha contato com o estudante.

6 – Devido a sua vivência com a criança Surda autista, quais seriam os principais desafios listados por você para o ensino de Libras e português como L2?

O estudante Pedro tem um diagnóstico recente de Transtorno do Espectro Autista e apresenta características bem marcantes de um autista “clássico”, como dificuldade em fixar o olhar e não ter uma visão global daquilo em que está olhando, este já seria um grande desafio para o ensino de Libras, porque o aluno nem sempre está prestando atenção aos sinais que realizamos. Estamos ainda em uma fase de introdução aos sinais mais usuais no contexto escolar e social e dentro do campo em que tem despertado seu interesse, no caso nome de animais. O trabalho com Pedro ainda está voltado muito para a consolidação da rotina escolar, atividades da vida autônoma e o “controle” de seu comportamento; efetivamente em português como segunda língua trabalhamos o nome do aluno e por ser algo bem específico não há um material didático pronto para tal fim (os materiais necessários são confeccionados por mim) e as metodologias disponíveis para o trabalho com autistas são predominantemente orais, o que impossibilita de serem realizadas com uma criança surda, então o que fazemos é adaptar o máximo possível para estratégias visuais.

7 – Em contramão aos desafios, quais seriam as principais expectativas e os momentos mais gratificantes que você poderia mencionar?

A classe especial bilíngue é uma turma em que o estudante está de forma provisória e transitória, todo o trabalho é feito intencionando-se que o Pedro possa ser incluído em uma turma de integração inversa bilíngue (que é uma turma para estudantes com TEA e estudantes regulares, mas com uma quantidade bem reduzida e com um professor especialista em Libras), e posteriormente em classes comuns inclusivas e bilíngues. Algumas expectativas que constam em sua Adequação Curricular Individual são:

CONCEITUAIS: identificação e distinção de cores (azul, vermelho, azul e verde, laranja e rosa) e formas (círculo, quadrado, retângulo, triângulo), associação número e quantidade (até 4), desenvolvimento de vocabulário (sinais) e compreensão da LIBRAS, equilibrar o corpo, pular, noções de lateralidade e movimentos corporais, identificar seu nome e as letras que o compõe.

SOCIAIS: iniciar interação com outras crianças, saber se comportar em diversos espaços sem ser agressivo e sem utilizar de estratégias como “birras” para conseguir o que deseja; saber esperar sua vez; seguir a rotina escolar; bater na porta e pedir licença (em LIBRAS) ao querer entrar em um ambiente; utilizar estratégia para auto regulação em momentos em que se desestabiliza emocionalmente; fazer uso do dinheiro; comunicar-se em LIBRAS.

PRÁTICAS: pedir para ir ao banheiro e fazer a sua higienização com autonomia, saber se servir durante o lanche, organizar sua mesa para o lanche e guardar os utensílios após utilizá-los, jogar todo o lixo na lixeira, organizar a sala e o seu material escolar após as atividades do dia e amarrar os cadarços do seu tênis.

Sem dúvida o mais gratificante é perceber seus avanços e a consolidação de suas aprendizagens.

8 – Com relação ao espaço físico e a estrutura da escola: Você considera o espaço favorável a aprendizagem do aluno?

Em parte, primeiramente porque a escola carece de mais espaços de aprendizagem, como uma biblioteca, uma sala de informática com Internet, um parque infantil, uma quadra coberta em que pudéssemos utilizar independente das mudanças climáticas, uma sala com espelho para trabalhos psicomotores. Tudo o que fazemos é de forma muito improvisada: a sala de leitura é uma sala de aula comum onde se deposita livros e o estudante vai semanalmente trocar o livro que leva para casa, os momentos de manuseio de livros, leitura e contação de histórias é feito na própria sala de aula; os computadores tem alguns softwares instalados, mas que seja adequado ao estudante Pedro, especificamente, são muito poucos; as atividades psicomotoras são feitas na própria sala de aula afastando-se alguns móveis; a sala de aula é dividida com outra turma no turno contrário e por isso há móveis e objetos que tomam um espaço que já é muito pequeno em relação ao de uma sala de aula normal. Além dessas questões estruturais e organizacionais, há um dificultador que apesar de ser uma escola polo para atendimento de crianças D.A. na cidade, grande parte dos funcionários não sabem LIBRAS, tornando a comunicação com o estudante muito difícil.

9 – Com relação a informação, você considera que há informações necessárias não só para os pais como para outros profissionais ao redor da criança Surda autista, sobre seus diagnósticos e suas reações comportamentais?

Não. Muitos profissionais no próprio ambiente escolar, assim como sua família, deixam transparecer que pensam que os comportamentos de Pedro são “falta de educação” ou “falta de limites” e não inerentes ao TEA. Deixando claro que tenho a consciência de que tais comportamentos (agressivos e repetitivos) precisam ser trabalhados e “moldados”, converso com os colegas e com a família neste sentido, mas principalmente para que entendam que grande parte destes comportamentos independem da vontade de Pedro e assim sejam mais compreensivos em relação a estes comportamentos.

10 – Você considera que a estrutura familiar do estudante tem o suporte necessário para o crescimento e desenvolvimento da criança Surda autista?

A família de Pedro é bem presente, embora os pais morem em cidades diferentes, há um envolvimento de toda família para tentar entender e ajudar Pedro; a

família sempre busca os recursos e atendimentos necessários para o seu desenvolvimento. Este arranjo familiar: criança mora em uma casa com o irmão, avó, mãe e tios e o pai em outra cidade tem suas vantagens e desvantagens, que cabem à família avaliar, mas o que podemos perceber é que Pedro tem se acostumado com esta estrutura e como o pai tem vindo visita-los de forma mais frequente tem se reduzido seus momentos de grande “desestabilização” emocional que aconteciam quando estas visitas paternas não eram tão frequentes.

10 – Você considera que a família tem o real conhecimento das dificuldades apresentadas pela criança estudada?

Não. A criança tinha um diagnóstico inicial de apenas surdez e a família correu atrás das informações e buscou recursos (como implante coclear) para minimizar esta situação, mas com o diagnóstico de autismo temos uma mudança no quadro desta criança e alguns dos seus comportamentos precisam ser compreendidos dentro deste novo diagnóstico e a família precisa buscar novos recursos para atender esta nova necessidade e buscar informações a respeito.

11 – O que você poderia citar ou sugerir ao meio familiar para que a criança tenha um desenvolvimento comportamental e autonomia necessária.

O que tenho sugerido para a família e até buscando junto com eles em algumas instituições públicas são terapia ocupacional para o Pedro e terapia para a família.

Análise

Em um primeiro momento é notório que a pedagoga não tem formação em libras, apenas um pequeno curso na área. Com relação ao autismo, a pedagoga tem apenas um curso de Deficiências múltiplas sem foco no autismo. De acordo com a professora, ela conhece a criança desde 2012, mas o contato dentro de sala de aula é um pouco mais recente.

A figura do professor é de suma importância para a formação integral do aluno; o professor é um ator principal das ações de ensino, portanto, devemos valorizar os saberes docentes. Segundo Tardif (2002), o conjunto de saberes é o que caracteriza e personaliza a prática, não são construídos somente na prática, eles são elaborados, construídos, reformulados,

desde o início da formação do professor e segue ao longo do seu trabalho, da sua docência, os seus conhecimentos que podem sofrer alterações durante toda a vida profissional. No caso do professor que irá lecionar para alunos surdos, ele precisará estar atento a necessidade urgente de contemplar a singularidade linguística e procurar meios para atender as diferenças destes alunos, portanto, através de práticas pedagógicas, de recursos variados e a abertura de espaços para a produção em língua de sinais. No caso de um professor sem formação necessária para ensinar o aluno surdo, o trabalho pode ficar vago ou confuso, pois é de suma importância que o professor esteja habilitado para atender as necessidades de seus alunos. Segundo as reflexões de Vitaliano (2002, p.60) de que “atualmente observamos que, quando falamos da formação do professor em relação à Educação Especial, a ênfase está na formação do professor e não mais na formação do professor habilitado ou especializado em Educação Especial”.

Sklair (2006) considera que a formação de professores deve superar o conhecimento científico acerca do outro, priorizando a experiência, a ética e a responsabilidade para com o outro.

Silva (2009) aponta a necessidade de orientação aos professores, pois é a falta de conhecimento a respeito dos transtornos autísticos que os impede de identificar corretamente as necessidades de seus alunos. Conseqüentemente, esta falta de formação seja para lidar com o autismo, ou com a surdez, pode ser primordial para o desenvolvimento da criança autista, mesmo com todos os esforços da professora.

A professora relata algumas características de Pedro, que o caracterizam como um autista “clássico”, como por exemplo a dificuldade em manter o olhar e não ter uma visão global daquilo que está olhando. Segundo ela, o trabalho com Pedro ainda está voltado para uma consolidação da rotina escolar, atividades da vida autônoma e o controle de seu comportamento. Efetivamente, em português como segunda língua, as atividades estão voltadas para o nome da criança e não há nenhum tipo de material didático específico, e isso atrapalha todo o trabalho, pois é necessário estar sempre adaptando as metodologias disponíveis para o ensino de autistas, tornando as estratégias visuais, na busca de ensinar o Surdo autista. A pedagoga menciona expectativas que constam em sua adequação curricular individual, essas adequações são consideradas positivas, pois elas têm foco nas necessidades individuais de Pedro, através dessas adequações é percebido que o uso da Libras como L1 está entre os objetivos do trabalho, mas não com o foco necessário para a aprendizagem da criança.

Durante essa entrevista é considerado o espaço físico e a estrutura da escola, onde, em parte, a professora considera que os espaços e o apoio não são suficientes. É relatado que apesar da escola ser um polo para o atendimento de crianças surdas, grande parte dos funcionários e professores não sabem Libras, tornando a comunicação com o estudante cada vez mais distante. Durante esta análise, fica claro que a falta de informação é um fator primordial para que haja compreensão do quadro do estudante; falta informação para os profissionais do ambiente escolar e principalmente para a família; falta terapia familiar no intuito de que eles aprendam a compreender a criança e não apenas considera-la como alguém mal-educado e sem regras. Por fim, o suporte dado para a criança é todo articulado pela escola, que em busca de atender este aluno de forma eficaz, precisou se opor a muitas burocracias para que este aluno tenha mais acesso a oportunidades de aprendizagem.

Entrevista

A entrevista **3**, tem como foco o ambiente familiar da criança através de questionamentos levantados na busca de entender como eles lidam com os comportamentos da criança Surda autista dentro de casa, para que se possa compreender como é a sua vivência e aceitação dentro do ambiente familiar. Logo em seguida, está contido um relato do tio de Pedro, acerca de como foi para a família lidar com uma criança Surda autista.

1 - Como foi o nascimento de Pedro?

Pedro nasceu de modo prematuro, durante o atendimento no hospital, houve uma demora excessiva que resultou em um parto complicado e a criança nasceu bastante roxo e não chorou.

2 - Com que idade Pedro foi diagnosticado como surdo? Qual o grau de surdez?

Até os 3 anos de idade Pedro era diagnosticado com um grau leve de surdez, somente após corrermos atrás de exames e médicos particulares é que conseguimos um diagnóstico de Surdez severa.

3 - Como sua família encarou o fato de ter uma criança surda entre eles?

Minha família sempre aceitou muito bem o fato, entretanto, devido ao fato dele ter sido implantado aos 3 anos de idade, pensamos que ele iria ouvir e falar rapidamente, mas com o decorrer do tempo, percebemos que ele era muito agitado e

isso fez com que a nossa comunicação e o tratamento com o implante ficassem comprometidos. Durante muito tempo não sabíamos o que fazer, pois o implante não havia dado certo e não sabíamos como nos comunicar com Pedro.

4 - Pedro é uma criança implantada, como foi a tomada de decisão para que esse implante ocorresse? Como foi o processo de adaptação da criança com o implante?

Pedro era muito pequeno quando foi implantado, naquele momento achávamos que essa era a melhor decisão, pois até os três anos Pedro não apresentava esse comportamento agitado e não imaginávamos que ele seria diagnosticado como uma criança autista. Por isso, juntamos toda a família e decidimos que o melhor seria optar pelo implante; na busca da decisão correta, procuramos psicólogos e fonoaudiólogos que nos explicarão todo o procedimento, incluindo riscos e benefícios; após muitas opiniões e conversas, Pedro foi implantado.

Logo após o implante, Pedro foi crescendo e desde o início demonstrou não se adaptar, ficava bastante agitado e nervoso e por muitas vezes, não quis usar o aparelho e quando usava, quase sempre retirava o aparelho e jogava no chão. Quando Pedro começou a aceitar o aparelho, ele quebrou e devido ao preço, acabamos por optar não consertar naquele momento. Quando o consertou ocorreu e o aparelho voltou, ele estava num volume elevado e a criança levou um susto muito grande, parecido com um choque, quando colocaram em sua cabeça e após isso, Pedro não aceitou mais o aparelho e começamos um tratamento com um psicólogo, para que ele conseguisse aceitar novamente o implante, contudo, ele voltou a usar o aparelho, mas não como antes.

5 - Como foi a descoberta do Autismo? Vocês já tinham ouvido falar do Espectro do Autismo anteriormente? Com qual idade este segundo diagnóstico foi revelado?

Pedro vinha apresentando um comportamento muito agitado e alheio as pessoas e as coisas ao seu redor, depois de muitos médicos e vários diagnósticos aos sete anos meu filho foi diagnosticado com autismo infantil; passamos por muitos médicos, neuros, psicólogos e ninguém nunca havia nos falado nada sobre autismo. No ano passado em 2015, conhecemos um psiquiatra infantil no Hospital Universitário de Brasília, logo na primeira consulta em janeiro de 2016 o Dr. nos falou do autismo e

nos orientou sobre exames para que pudéssemos fechar o diagnóstico de autismo infantil. A partir deste momento inserimos uma medicação determinada pelo médico e aos poucos Pedro foi se adaptando.

Já tinha ouvido falar do autismo nessa época, mas só tinha ouvido falar de casos de autismo elevado e por isso, pensei não ser possível meu filho ser autista; por mais que ele fosse agitado, eu não achava que ele era igual as crianças dos casos que eu conhecia; somente depois do diagnóstico fechado é que obtive informações que o Espectro do autismo tem vários graus.

6 - Com relação a adaptação, houve alguma diferença, seja de comportamento ou de hábitos dentro de casa a partir do momento da descoberta desse segundo diagnóstico?

Sim, houve uma mudança no modo de trata-lo e nós da família, procuramos descobrir mais sobre o autismo para que a gente pudesse lidar com ele do melhor modo possível.

7 - Vocês têm algum tipo de acompanhamento/orientação para lidar com o autismo do Pedro?

Não temos nenhum tipo de orientação, tratamento ou terapia. Já buscamos vários locais que atendem autistas mas até hoje nenhum nos chamou.

8 - Vocês já passaram por momentos complicados dentro de casa, onde vocês não sabiam qual atitude tomar?

Sim, a todo momento não sabemos como agir com ele e então, fazemos do jeito que acharmos melhor.

9 - Dentro do processo Educacional, você acha que o apoio dado a Pedro e a família tem sido eficaz no âmbito da aprendizagem do seu filho?

Na escola sim, tenho todo o apoio. Mas fora deste âmbito não temos nenhum.

10 - A surdez e o autismo, por muitas vezes podem ser confundidas, mas na verdade são totalmente diferentes, você concorda que foi devido à isso esse diagnóstico tardio do Autismo infantil?

Sim, eu concordo. Durante toda a vida notamos que Pedro tinha um comportamento diferente, mas sempre pensamos que era devido ao fato dele ser surdo. A busca do implante foi também por isso, pois não sabíamos como nos comunicar com ele e assim, achávamos que se ele pudesse falar e ouvir, tudo estaria resolvido.

11 - Você acha que deveria existir um suporte maior e maiores informações para famílias com crianças portadoras do Autismo?

Deveria sim, pois nós que somos pais de uma criança com esses problemas, acabamos por não saber como lidar com elas e eu sei, que hoje tem muitas crianças com autismo ou surdez e o tratamento correto poderia ajudar essas crianças a se desenvolverem e a terem a independência necessária para ter uma vida melhor, e assim, nós da família poderíamos ajudar nesse processo, mas sem orientação ficamos perdidos.

12 - A partir do momento em que Pedro foi diagnosticado não apenas com surdez, mas também como uma criança portadora do Espectro do Autismo, a postura da instituição Educacional mudou, você percebeu desde então, que houve alguma melhora com relação a aprendizagem, interesses e características da criança?

Sim, o tratamento da escola não é mais o mesmo, antes ele era tratado apenas como uma criança mal-educada, sem limites, mas após a descoberta do autismo a escola passou a dar um suporte maior em tudo, até mais do que eu esperava.

Após a entrevista com a mãe, foi registrado um relato do Tio de Pedro sobre as dificuldades e as expectativas dentro de casa. Segue o relato:

Eu sempre fui presente na vida do Pedro e para nós sempre foi muito difícil entendê-lo. Ele sempre foi uma criança diferente, com o passar dos anos fomos nos adaptando, mas não foi fácil.

Pedro passou por algumas fases complicadas e nós não conseguíamos entender o que estava acontecendo; hoje em dia com o apoio da escola estamos conseguindo uma melhor comunicação, mas estamos longe de conseguir entendê-lo, principalmente por que não é só a surdez, mas também o autismo; portanto, se tivéssemos algum apoio na escola com relação a ter alguém especializada em autismo, seria ideal para o aprendizado dele.

Hoje ainda não sabemos o que ele quer geralmente, temos que adivinhar o que ele quer, então se tivéssemos um suporte melhor poderíamos cuidar melhor dele. Eu como tio, quero ver Pedro muito melhor e quero que nossa família aprenda a corrigi-lo como deve, a brincar como deve, por que ele já é uma criança muito amada. Eu sei que vamos ama-lo cada vez mais aprendendo a corrigi-lo, para que ele possa se tornar uma criança normal e no futuro um homem independente.

Análise

A chegada de uma pessoa com deficiência dentro da família, traz obstáculos para o cotidiano, que na maioria dos casos, a família não estava preparada. Segundo Prado (2004), o impacto é grande diante da descoberta de que um de seus membros tem necessidades especiais e a aceitação do fato depende da história de cada família, de suas crenças, preconceitos e valores. O transtorno autista afeta os membros da família em graus variados, ou seja, todo o contexto familiar precisa ser adaptado. Como mencionado no histórico da criança, Pedro nasceu prematuro e teve algumas complicações durante o parto. Sua família aparenta ser bastante prestativa, sempre busca alternativas, dentro de suas limitações, para um melhor desenvolvimento da criança Surda autista. Na busca dessa melhora, os pais decidirão que a criança colocaria um implante coclear, para que ela pudesse escutar e falar. Desde o início do implante a adaptação não ocorreu como esperado; os comportamentos de Pedro se tornarão mais agitados e ele acabou por quebrar o aparelho, no intuito de não usá-lo.

Durante um longo período, a família buscou incessantemente um apoio para lidar com Pedro, mas somente quando ele ingressou em uma instituição educacional pública dentro da rede de ensino do DF é que foi possível o diagnóstico do autismo, por que foi somente dentro

da escola que foi observado seus comportamentos e suas estereotípias através de um olhar mais aguçado, pois por muitas vezes a família não consegue perceber o que está errado. A informação é um fator crucial para a descoberta do autismo. Guzman, Henrique, Gianoto, Bedin e Duart (2002) apontam que são comuns emoções como o medo e o constrangimento em pais de crianças autistas, pois ainda são limitadas as informações, experiências e compreensão sobre o transtorno. Esta falta de informação é que levou a família a considerar os comportamentos atípicos de Pedro, como sendo partes da surdez, ou seja, ele é mal-educado por que não sabe se comunicar; a ausência de informação levou também a família a pensar que o autismo afeta a criança de um modo elevado, ou seja, como seu filho tem apenas algumas características, ele não poderia ser autista. Este tema é relevante pois devido à falta de informação e apoio a família relata, que por muitas vezes, não sabe como agir ou tratar a criança Surda autista. Durante a entrevista 3, foi relatado pela mãe que o apoio da escola no âmbito da aprendizagem é considerado suficiente.

Fica evidente através do relato do tio, logo após a entrevista 3, que a família não sabe como lidar com as limitações da criança Surda autista e a falta de apoio são fatores que dificultam o desenvolvimento da criança, pois a própria família, não encara seus comportamentos atípicos como partes do transtorno, mas sim, consideram, de algum modo, como falta de disciplina ou de ensinamentos.

Observações

A análise dos dados e dos resultados, só são possíveis após alguns relatos das observações da presente pesquisa.

Durante o primeiro dia acompanhando o estudante Pedro, foi literalmente um susto. Após chegar numa sala de aula sem o preparo necessário para lidar com uma criança autista, a frustração veio em forma de dúvidas. A partir da inserção como monitora na Classe bilíngue, a qual, Pedro está matriculado, as dúvidas surgiram rapidamente, pois as pessoas ao redor da criança, falavam coisas que a pesquisadora desconsiderava; por exemplo, uma das professoras de outra classe se aproximou e afirmou: “ele não aprende, seu cognitivo está comprometido”. Após este momento, eu como pesquisadora e monitora da classe bilíngue, busquei informações sobre o autismo e a surdez e quando não as encontrei de forma satisfatória, resolvi escrever eu mesma, sobre o tema em questão.

Durante a primeira semana de observação, tentei aprender sobre suas estereotípias, seus comportamentos, de modo que, fosse possível acalma-lo em momentos de euforia e contribuir para o seu aprendizado. Neste primeiro contato, notei que a professora tinha diversos quadros na sala, com sinais em libras, mas ela não fazia uso desses sinais durante o ensino; os sinais simplesmente estavam lá, colocados de modo estratégico para que o estudante olhasse para eles, mas raramente ele notava-os, muitos menos, repetia. Devido ao comportamento agitado da criança, a professora, por muitos momentos deixava que ele fizesse o que ele quer, pois, ao tentar controla-lo ele se tornava agitado e jogava as coisas para todos os lados.

Durante a terceira semana de observação, aparentemente houve uma ruptura de abordagem, pois a professora começou a utilizar a libras para tudo que lecionava; apesar do estudante ainda não estar repetindo os sinais, era possível observar em seus olhos uma curiosidade para com a língua. Durante esta semana, Pedro estava bastante calmo, seu comportamento estava diferente e ele não parecia estar angustiado, como nas duas semanas anteriores. Por isso, a professora conseguiu trabalhar diversas atividades que envolviam autonomia e foi nesse momento em que eu notei, que Pedro aprendia sim, aprendia do seu modo, mas seu desenvolvimento estava visível.

Durante a quarta semana de observação, o que mais me chamou atenção, foram seus comportamentos. Pedro aparentava estar bem com sua rotina familiar e escolar, entretanto, quando algo muda, ele se desestabiliza e isso traz consequências para seu aprendizado na escola, pois durante um primeiro momento é impossível lecionar qualquer coisa para Pedro, pois ele está constantemente angustiado, querendo sair correndo e é possível ver em seus olhos o tamanho da angustia e do medo, pois ninguém é capaz de compreendê-lo. Em um segundo momento, já mais calmo, a professora trabalha atividades de associação, com o nome do estudante, cores e números. Nesta semana, foi evidente que ele não conseguia se concentrar em nada que era proposto, estava tão angustiado que não olhava para o que estava fazendo, exigia vários desenhos de animais, para que a professora desenhasse no quadro, mas a angustia era tanta, que ele pedia um animal, antes do desenho ser concluído ele queria outro, outro e outro.

Durante a sexta semana de observação, notei uma evolução na comunicação da criança com outras pessoas em libras e gestos; ou seja, em determinados momentos ele apontava o que ele queria pegar e fazia o sinal do animal que ele gostaria que fosse desenhado. Quando eu digo sinal em libras, eram os sinais feitos por ele, algumas vezes com configurações de mãos

diferentes, mas facilmente compreendidos. Após a inserção da Libras em seu contexto escolar, a evolução é notória para todas as pessoas envolvidas. A comunicação ainda está longe de ocorrer, mas os caminhos trilhados e as batalhas ganhas podem ser notados através do desenvolvimento do estudante Surdo autista.

3.4 Procedimentos metodológicos para o estudo de caso

A presente pesquisa tem caráter predominantemente qualitativo e o procedimento metodológico adotado foi o estudo de caso. Sobre o objetivo de um estudo de caso, segundo Goldenberg (2003, p. 33):

“O estudo de caso reúne o maior número de informações detalhadas, por meio de diferentes técnicas de pesquisa, com o objetivo de aprender a totalidade de uma situação e descrever a complexidade de um caso concreto através de um mergulho em m objeto delimitado”. (GOLDENBERG, 2003, p. 33).

Nesta pesquisa, buscou-se conhecer a situação em que a criança estava inserida, seja no ambiente familiar ou escolar e como as pessoas ao seu redor lidam com suas diferenças. Em seguida, foi conduzida uma etapa descritiva utilizando como instrumento de obtenção de informações entrevistas estruturadas com pessoas que fazem parte do meio da criança e observações feitas pela pesquisadora deste estudo de caso. Para orientar as entrevistas, utilizou-se um roteiro de pesquisa baseado nas perspectivas e nas considerações destas pessoas, acerca da surdez e do autismo, evidenciando as necessidades da criança e suas maiores dificuldades.

As principais questões que as entrevistas abordaram foi:

- 1 - Como foi a descoberta da Surdez e do autismo; e como se deu o nascimento da criança.
- 2 - Para o psiquiatra, a perguntas foram relativas ao diagnóstico do autismo, suas causas e como por muitas vezes, ele pode ser confundido com a surdez.
- 3 - Com relação a pedagoga, o foco foi o desenvolvimento da criança no âmbito educacional; as perspectivas da profissional; e como ela vê o suporte e as informações fornecidas a família e a criança.

Entre as fontes utilizadas na pesquisa, utilizou-se as leis sobre deficiência, autismo, surdez e necessidades educacionais especiais. Além dessas, utilizou-se ainda informações de fontes secundárias como informações divulgadas em jornais, revistas da área de saúde, dissertações e trabalhos científicos relacionados ao tema.

Para a realização das entrevistas e das observações, foi procurado o apoio da instituição escolar e da professora do estudante Pedro. Em seguida, foram produzidos documentos de autorização da pesquisa, assinados pela mãe e a partir deste momento, houve relatos informais do caso da criança desde seu nascimento, até chegarmos ao momento da entrevista previamente preparada. Posteriormente, foi trabalhado um questionário com a professora da classe bilíngue, para que, em seguida, fosse realizado visitas ao Hospital Universitário de Brasília, na busca de conhecer o Psiquiatra infantil que faz o acompanhamento de Pedro.

Por se tratar de uma análise de apenas um caso de Surdez e autismo, os primeiros passos da pesquisa foi o levantamento do histórico da criança, esta busca de dados foi necessária para que o quadro da criança Surda autista fosse compreendido. A partir deste momento, buscou-se conhecer e aproximar-se do meio em que a criança está inserida.

3.5 O Surdo autista e as discussões/resultados das análises

Após a análise do relato do histórico da criança Surda autista e das observações e entrevistas, foi possível perceber a complexidade ao se lidar com uma criança com tais necessidades dentro do sistema educacional e do meio familiar.

Antes de assinalar essas complexidades é preciso destacar a dificuldade desta pesquisadora em obter dados para que a pesquisa fosse realizada e concluída. A criança Surda autista e seu meio familiar participaram de todo o processo.

Esse estudo tinha como objetivo analisar e compreender o histórico do diagnóstico de uma criança inserida numa escola da rede pública do Distrito Federal, onde fez se necessário uma aproximação demasiada com os pais e com o estudante na busca de apresentar os dados da melhor forma possível. Em um primeiro momento as dificuldades da pesquisa se apresentaram através de dúvidas e falta de informações sobre este tema, ou seja, esta pesquisa tem cunho inédito dentro do Sistema Educacional do Distrito Federal.

A primeira categoria é relacionada com o histórico da criança Surda autista, seguindo relatos de seus antigos professores e da mãe. Ao mencionarmos sobre fatores ambientais é possível pensar sobre causas e fatores de risco para o desenvolvimento do autismo. De acordo com Aquilles (2004), o autismo não é uma doença; é um conjunto de sintomas

derivado duma anomalia cerebral que pode ter origem em várias coisas: malformação do feto, herança genética, várias doenças, acidentes cerebrais, etc., portanto, os autistas são deficientes mentais e a gravidade da situação pode ser absoluta ou tão ligeira que passe despercebida. No caso de Pedro, de acordo com seu histórico, ele sempre apresentou características leves do autismo, mas devido há falta de informação para os pais e para as pessoas envolvidas, ele sempre foi tido como uma criança difícil de lidar, ou seja, mal-educada e sem disciplina. Entretanto, devido as características do autismo, essa criança simplesmente não consegue comportar-se normalmente. Segundo a Dr. Sandy Enloe em Sevier County Educação Especial, Tenesse, “as crianças com autismo muitas vezes se envolvem em comportamentos e birras desafiadoras, como resultado de restrições ambientais, em vez de por maldade ou por natureza vingativa. As crianças podem se machucar ou outros, ou pode tornar-se fisicamente incontrolável e começar a tremer violentamente”. Segundo o histórico de Pedro, ele passou por diversos momentos distantes do seu habitual ao adentrar numa escola, ou seja, devido ao fato de não compreender as situações ou o ambiente, isso resultava em medo extremo, ansiedade ou raiva e devido a isso, ele sempre demonstrou comportamentos de “birra”.

A constituição Federal de 1988 põe a vida como sendo o bem maior dos direitos fundamentais, preceituando em seu art. 196 que a saúde é um direito de todos e dever do Estado. Enquanto que a Constituição Cidadão, previu em seu art. 198 III, a participação popular como sendo uma das diretrizes do Sistema Único de Saúde. Após o presente artigo da Constituição Federal e o relato do histórico da criança é notório o descaso dentro do Sistema Único de Saúde. Segundo a mãe da criança, eles nunca tiveram um atendimento de excelência e devido a isso o diagnóstico tardio do autismo; a questão está longe de ser um problema apenas de consultas distâncias ou de carência de médicos, pois, falta informação dentro do Sistema Educacional e um apoio efetivo no âmbito da saúde, pois segundo o histórico da criança Surda autista, os pais sempre buscarão a descoberta de transtornos e comportamentos que não provinham da surdez, mas sim, de outro transtorno diagnosticado de modo tardio, ou seja, Pedro foi diagnosticado com autismo aos 7 anos de idade.

Em um segundo momento dentro da coleta dos dados estão contidas as entrevistas 1, 2 e 3 e o relato do tio, acerca das dificuldades enfrentadas diariamente pela família.

O autismo apresenta singularidades com relação ao seu diagnóstico, portanto, o diagnóstico do autismo é clínico e feito através de observação direta do comportamento e de

uma entrevista com os pais ou responsáveis. Esses comportamentos podem surgir antes dos 3 anos de idade, sendo possível se fazer o diagnóstico precoce. Segundo um novo estudo norte-americano, médicos estão diagnosticando erroneamente o transtorno do autismo em muitas crianças com 18 meses de vidas nascidas excessivamente prematuras, por isso a necessidade de seguir os critérios expostos no DSM 5 (APA,2014) na busca de não se confundir. De acordo com o médico entrevistado, sinais vermelhos precoces e o “teste da orelhinha”, rastreiam perdas auditivas e características do autismo, no intuito de haver um diagnóstico preciso e evitar que uma criança surda seja tida como autista, ou, uma criança autista, seja tida como surda. Segundo o doutor não é comum atender uma criança autista tendo ela como surda, pois tais condições são investigadas e existem diferenças patentes na avaliação clínica. Conforme o DSM 5 (APA, 2014), os autistas apresentam déficits persistentes na comunicação social e nas interações, clinicamente significativos manifestados por: déficits persistentes na comunicação não verbal e verbal utilizada para a interação social; falta de reciprocidade social; incapacidade de desenvolver e manter relacionamentos com seus pares apropriados ao nível de desenvolvimento. Por outro lado, a criança surda tem a afeição pelo contato social, a procura social e o interesse na reciprocidade está intacto. Através desta afirmação, fica claro que os diagnósticos não são confusos, pois as características são distintas e a idade não dificulta o diagnóstico, mas dificulta o tratamento. Por fim, através do questionário do médico, encerra-se a ideia de que uma criança autista pode ser considerada surda, ou uma criança surda ser tida como autista.

A entrevista 2, nos apresenta importantes relatos sobre a Instituição Educacional e o trabalho feito com Pedro. O professor foi a pessoa escolhida para responder está questionário, não somente por ser a pessoa mais próxima da criança, mas também, porque seu papel tem sido bastante enfatizado no que envolve a inclusão de alunos com necessidades educacionais especiais no ensino regular. Alguns autores se referem a esse profissional como “peça estratégica” (BEYER, 2006, p.81) na chamada educação inclusiva. Visto que o atendimento escolar para a população brasileira foi ampliado de forma considerável e devido a isso as matriculas de alunos com necessidades educacionais aumentaram, faz se necessário visar que também é preciso garantir o direito à educação de forma eficaz. As instituições Educacionais evidenciam que a formação do professor está entre as principais dificuldades dentro do sistema de inclusão, e repetidas vezes é mencionada a falta de preparo desse profissional, entretanto, Skliar (2006, p. 31) apresenta algumas considerações em relação ao “estar preparado”:

Afirma-se que a escola e os professores não estão preparados para receber os “estranhos”, os “anormais” nas aulas. Não é verdade. Parece-me ainda que não existe nenhum consenso sobre o que signifique “estar preparado” e, muito menos, acerca de como deveria se pensar a formação quanto às políticas de inclusão propostas em todo o mundo (Skliar, 2006, p.31).

Em vista do que está sendo dito, a profissão do professor exige uma grande versatilidade com relação a autonomia e capacidade de traçar um plano de intervenção pedagógica em diferentes condições, o que requer mais do que uma formação acadêmica, sendo necessária também uma formação profissional (RODRIGUES, 2010, p. 6). Com relação a esta formação de professores para lidar com as necessidades educacionais especiais, podemos considerar que a ênfase deve ser nas potencialidades dos estudantes e na busca em conhecê-los, para Vitalino e Manzini (2010, p. 53) a formação do professor deve contemplar a prática educativa, pois consideram que “sua ação se dá no contexto escolar”, ou seja, através da prática a formação deste profissional se dará numa perspectiva humanizadora, em que cada ser humano seja percebido em sua singularidade.

Ao questionarmos sobre a inclusão de alunos surdos na escola regular, alguns autores relatam (LACERDA; LODI, 2006; MACHADO, 2008; BOTELHO, 2007; TAVARES; CARVALHO, 2010), as experiências de inclusão de crianças surdas, ainda têm apresentado falhas na promoção da inserção acadêmica e social dos referidos alunos, bem como são identificados diversos fatores que interferem em seu aproveitamento escolar, tais como: a necessidade de capacitação e formação para os professores e o desconhecimento da Libras por parte dos professores e demais alunos entre outros. Portanto, a formação da professora atuante na Classe bilíngue de segundo ano, em que Pedro está inserido, pode ser considerado um fator determinante para o seu desenvolvimento e aprendizado. O preparo da escola em receber estas crianças com necessidades educacionais específicas, também é de suma importância para que o processo educacional ocorra de forma eficaz. Neste sentido a escola Classe 01 de Planaltina, segundo relato da professora entrevistada, não está preparada para receber este público alvo, entre outros, pois a escola apresenta espaços improvisados e atividades insuficientes para alcançar o desenvolvimento da criança. A escola precisa criar estratégias para mediar as relações que fazem parte de seu interior, e a busca de uma educação de qualidade para os alunos Surdos autistas passa a ser responsabilidade de todos. De acordo com Lacerda:

A defesa deste modelo educacional se contrapõe ao modelo anterior de educação especial, que favorecia a estigmatização e a discriminação. O modelo inclusivo sustenta-se em uma filosofia que advoga a solidariedade e o respeito mútuo as

diferenças individuais, cujo ponto central está na relevância da sociedade aprender a conviver com as diferenças (LACERDA, 2006, p. 163).

Sendo assim, faz-se necessário pensar em um espaço que propicie a estes estudantes atividades condizentes as suas potencialidades, evidenciando a necessidade de um diálogo entre todos os envolvidos.

Em um terceiro momento através de entrevistas e relatos informais feitos com a família do estudante, foi possível elucidar as dificuldades enfrentadas por todos do meio familiar devido à falta de informação e uma terapia que englobe não apenas a criança, mas toda a família, embora exista terapias de apoio psicológico às famílias, segundo relatos da mãe, estas terapias não estão contempladas em seu meio, pois as dificuldades são tantas e apesar destas terapias evidenciar a necessidade de auxiliar os pais no âmbito emocional, na maioria dos casos elas não chegam até famílias com situação financeira desprivilegiada. A intervenção terapêutica aplicará procedimentos orientados pelo Analista do Comportamento na terapia individualizada, procedimentos estes que englobem aquisição de novas habilidades e controle de comportamentos inadequados e na escola aplicará procedimentos para um maior aproveitamento da crianças nas propostas escolares e mediação de interação social, portanto, sem estes devidos cuidados, não apenas a família fica desorientada e cheia de dúvidas, como também o ambiente escolar fica encarregado de suprir todas essas necessidades e como já evidenciado, a escola não está preparada para ser a mediadora desse desenvolvimento e acaba por classificar estas crianças de modo equivocado.

3.6 Proposta de ampliação do contexto de pesquisa para o efetivo registro de Surdos autistas no contexto escolar e suas especificidades no ensino de Libras e Português por Escrito

Devido a este estudo de caso, fica evidente a necessidade de um olhar diferenciado para nossos estudantes Surdos autistas. Primeiro, devido à falta de informações sobre quem são estas crianças e o modo em que são classificadas dentro das escolas regulares de ensino; segundo, para que as pesquisas nesta área possam ser ampliadas, de modo que seja possível conhecer e contribuir para o desenvolvimento dessas crianças.

De acordo com Serra apud Dazzani (2010), é necessário desenvolver estudos que contemplem uma visão sistêmica da inclusão, não atribuindo apenas ao professor a responsabilidade pelas dificuldades enfrentadas. Sendo Assim, a elaboração e construção de

instrumentos e recursos pedagógicos que favoreçam a prática cotidiana do professor se apresentam de modo urgente, ou seja, pesquisas no campo da Surdez precisam de um maior apoio para que o trabalho docente possa ser orientado e fundamentado em políticas públicas que enfatize as necessidades destes estudantes, no intuito de propiciar um maior compromisso das representações das diferenças e de um ensino focado em recursos e materiais apropriados, possibilitando a quebra de barreiras para o ensino eficaz da Libras e do português como L2.

Esta pesquisa traz como base a ideia de ampliação do contexto de pesquisa para o efetivo registro de Surdos autistas no contexto escolar, portanto, a falta de políticas públicas para atender este público alvo, apresenta-se como uma barreira a pesquisas e ao desenvolvimento da comunicação destes estudantes, ou seja, a falta de informações para o processo de ensino aprendizagem da Língua Portuguesa para a pessoa surda, faz com estes estudantes se afastem do meio escolar e social. Os educadores não podem esquecer que as pessoas com necessidades específicas em idade escolar têm o direito ao acesso e permanência na educação, bem como ao Ensino Fundamental obrigatório, conforme os artigos 205 e 208 da Constituição Brasileira, porém as dificuldades apresentadas impossibilitam essa permanência.

A ampliação de pesquisas poderia facilitar não apenas o trabalho dos professores, como também, poderiam auxiliar pais e interessados em contribuir para o desenvolvimento da criança, em conjunto com um olhar capacitado e recursos didáticos propícios ao desenvolvimento do estudante; além do que, seria possível compartilhar materiais com todos, na busca de propiciar um maior desenvolvimento para os Surdos autistas e maiores informações, sobre quem são estas pessoas e quais são as suas necessidades para com o ensino de Libras e português escrito.

A partir da implementação de políticas públicas que propiciem informações sobre estas crianças e suas necessidades de ensino, pesquisadores da área poderiam utilizar estes dados para a elaboração de pesquisas que evidenciem suas capacidades e necessidades com relação ao ensino de Libras e Português, ou seja, a partir do momento em que realmente “olharmos” para estas crianças, poderemos efetivamente contribuir para o seu desenvolvimento e aprendizagem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como principal objetivo analisar e investigar o histórico da criança Surda autista, evidenciando suas necessidades e suas dificuldades dentro de seu meio familiar e educacional; na busca de mostrar a necessidade de um olhar capacitado e um efetivo registro deste público dentro do contexto escolar. Por meio deste estudo caso foi possível ampliar os grupos de Surdos no Brasil, evidenciando as dificuldades impostas por este grupo dentro do sistema educacional e a falta de informação para pais e professores. Além destas informações também foram feitos alguns questionamentos com relação ao autismo, suas causas e como ele é enfrentado dentro do contexto educacional.

Tentando responder essas questões, fomos a campo e observamos uma Classe bilíngue de segundo ano, onde uma criança com estes diagnósticos está regularmente matriculada. Nesse processo, o objetivo era obter informações sobre o histórico da criança, histórico familiar, abordagens e ter o conhecimento necessário para que fosse possível analisar as dificuldades enfrentadas pelo profissional e pelo próprio estudante.

O primeiro ponto a destacar é a falta de informação com relação a este público alvo dentro do Sistema Regular de Ensino do DF, ou seja, não há pesquisas ou registros efetivos sobre estes estudantes nas escolas do DF, nem tampouco, há políticas públicas que reconheçam e valorizem as necessidades educacionais destes estudantes. É preciso considerar a necessidade de informações acessíveis aos pais e aos profissionais da educação, para que, estes possam entender as características comportamentais destas crianças, e aprendam a lidar com elas visando as suas limitações e não apenas o que eles consideram achar correto, pois na maioria dos casos, estas pessoas querem fazer com que a criança Surda autista seja normalizada, entretanto, conforme evidenciado na pesquisa, estas crianças são portadoras de necessidades específicas e é preciso um trabalho de acompanhamento, ou seja, uma terapia para que estas características sejam amenizadas, mas a criança Surda autista não será uma criança ouvinte ou uma criança curada do autismo; porém, no caso da surdez e do autismo, o efetivo registro de pesquisas poderia auxiliar no diagnóstico precoce destas crianças, pois os profissionais da educação estariam preparados para identifica-las e auxiliar os pais na busca por um diagnóstico, pois a partir do momento em que não há formulas para prevenir estas deficiências, faz se necessário informações acessíveis para que seja possível um diagnóstico precoce para que haja um tratamento com ênfase em suas singularidades.

Apesar de todos os percalços encontrados no caminho dessa pesquisa, é preciso destacar os esforços dos profissionais envolvidos para que a criança se desenvolva e alcance a autonomia necessária para uma vida independente, pois estas são atitudes louváveis que merecem o nosso reconhecimento.

Acreditamos que este estudo de caso irá auxiliar na implementação de políticas públicas baseadas na valorização e reconhecimento desses Surdos autistas dentro do contexto escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

GONÇALVES, P. P. O Autismo e a Aprendizagem Escolar. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/index.php?pagina=0>

AUTISMO E EPIDEMIOLOGIA. Disponível em: <http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/autismo-e-pidemiologia/>

MARINHO, E. A. R.; MERKLE, V. L. B. Um olhar sobre o autismo e sua especificação. In: IX CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO – EDUCERE, 2009, Universidade Católica do Paraná.

NASCIMENTO, G. do A.; ARAÚJO, M. V. S.; AIRES, A. C. S. Autismo: Convívio Escolar, um Desafio para a Educação. Disponível em: http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/Modalidade_2datahora_25_05_2014_08_12_38_idinscrito_627_b3d095600d78536590e5824dd996d321.pdf

SILVEIRA, C. H. O ENSINO DE LIBRAS PARA SURDOS - UMA VISÃO DE PROFESSORES SURDOS. Disponível em: <http://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/576/520>

CASTRO JÚNIOR, Glaucio de. A educação de Surdos no Distrito Federal: perspectiva de política da inclusão. In: monografia apresentada na Universidade de Brasília – UnB. 2011

PIRES, E. M.; ARANTES, A. C. F. C. de S. A IMPORTÂNCIA DA FORMAÇÃO DO PROFESSOR BILÍNGUE NA EDUCAÇÃO DO SURDO. Disponível em: <http://www.fara.edu.br/sipe/index.php/renefara/article/view/119/105>

SILVA BORGES DA, Scheila. O Autismo e as transformações na família. In: monografia apresentada na Universidade do Vale de Itajaí.

TUXI, P. Atuação do Intérprete Educacional no Ensino Fundamental. 2009. 112 f. Tese (Mestrado em Pedagogia) – Faculdade de Educação, Universidade de Brasília, Brasília. 2009

ALMEIRA, J.F. Libras na formação de professores: Percepções dos alunos e da professora. 2012. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Londrina, Paraná. 2012

O autista no Contexto Escolar. Disponível em: <https://psicologado.com/atuacao/psicologia-escolar/o-autista-no-contexto-escolar>

MATSUKURA, S. T. A aplicabilidade da terapia ocupacional no tratamento do autismo infantil. Disponível em: <http://www.cadernosdeterapiaocupacional.ufscar.br/index.php/cadernos/article/view/309/254>

WALTER, N. Terapia familiar e Autismo. Disponível em: <http://nassistemico.blogspot.com.br/2013/11/terapia-familiar-e-autismo.html>

MARTINS, L. A. M. Sala de aula: Análise das práticas bilíngues e suas problematizações. 2010. Tese (Mestrado em Educação) – Faculdade de Ciências Humanas, Universidade Metodista de Piracicaba – UNIMEP. São Paulo, 2010.

Autism Speaks. Possíveis Causas do Autismo ou Transtornos de Espectro Autista – TEA. Disponível em: <http://autismoerealidade.org/informe-se/sobre-o-autismo/causa-do-autismo/>

RIBEIRO, P. D. Glossário Bilíngue da Língua de Sinais Brasileira: Criação de sinais dos termos da música. 2013. Tese (Mestrado em Pós-graduação em Linguística) – Universidade de Brasília, 2013.

Autismo, discussões e comentários. Surdez e Autismo. Disponível em: <http://www.autismo-br.com.br/home/dep-com.cgi?tema=Surdez+e+Autismo&codigo=2>

MELLO, A. M. S. R. de; ANDRADE, M. A.; HO, H; Souza Dias, I. Retratos do autismo no Brasil. 2013. Editora AMA. 1ed. São Paulo, 2013

STROBEL, K. A História da Educação de Surdos. In: monografia apresentada na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC. Florianópolis, 2009.

GONÇALVES, P. P. O Autismo e a Aprendizagem Escolar. Disponível em: <http://www.pedagogia.com.br/artigos/autismo/index.php?pagina=0>

RUIZ, P.; EBSWORTH, M. E. Ideias e realidade: uma aula reservada para crianças autistas bilíngues. V.32, n. 1, p. 16-24. Porto Alegre, 2009.

Libras como possibilidade e alternativa para o ensino da Língua Portuguesa para o aluno Surdo. Disponível em: <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1067-4.pdf>

FIALHO, J. Autismo: A importância da Intervenção Multidisciplinar. Disponível em: <http://www.comportese.com/2015/06/autismo-a-importancia-da-intervencao-multidisciplinar/>

ABC do Autismo. Disponível em: <http://zarsoft.info/info/Autismo/index.html>

Diagnósticos de autismo em bebês prematuros apresenta falhas. Disponível em: <http://delas.ig.com.br/filhos/diagnostico-de-autismo-em-bebes-prematuros-apresenta-falhas/n1596930310251.html>

AMORIM, L. C. D. Diagnóstico do autismo. Disponível em: <http://www.ama.org.br/site/diagnostico.html>

Características comportamentais do autismo. Disponível em: <http://www.comicb.com/caracteristicas-comportamentais-do-autismo/>